DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

MADALENA

DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

MADALENA

1879

INTRODUÇÃO, ATUALIZAÇÃO DO TEXTO E NOTAS

NORMA TELLES

2009

Índice

INTRODUÇÃO..... 4
I..... 13
II..... 21
III..... 25
IV..... 30
V..... 36
VI..... 41
VII..... 46
VIII..... 49
IX..... 55
X..... 59
XI..... 64
XII..... 69
XIII..... 74
XIV..... 79
XV..... 82
XVI..... 86
XVII..... 92
XVIII..... 95
XIX..... 99
XX..... 102
XXI..... 104
XXII..... 110

INTRODUÇÃO

Maria Benedita Câmara Bormann nasceu em Porto Alegre, em 1853, e ainda menina mudou-se com a família para o Rio de Janeiro onde viveu e faleceu em 1895. Casou-se com o tio materno, José Bernardino Bormann, ele mesmo escritor de romances e livros históricos sobre a Guerra do Paraguai. Militar de sucesso na carreira foi diretor da Colônia de Chapecó, governador do Paraná e Ministro da Guerra. O casal não deixou descendência. Os comentários de época relatam Maria Benedita Bormann como moça bem-nascida, muito bem-educada, versada em várias línguas; pintava e cantava com bela voz de contralto.

Bormann desde muito cedo, mas, consta que ela mesma teria destruídos os primeiros textos por não lhe parecerem bons o suficiente. Escreveu um jornalista ter sido infeliz o seu viver, mas nada mais do que isso que pudesse esclarecer caminhos ou motivações. Pode-se então dizer que muito pouco sabemos de sua vida pública ou privada. Ela permanece bem resguardada atrás do pseudônimo. É através de sua obra que podemos entrever temas e ideias que considerou importantes, assim como perceber um estilo todo seu. A meditação sobre uma obra, diz Bachelard, pode nos conduzir a colocar problemas profundos que um exame da vida não conseguiria resolver, pois para algumas almas, "a expressão é mais do que a vida, é alguma coisa diferente da vida".

Maria Benedita Câmara Bormann escreveu sob o pseudônimo Delia crônicas em jornais - entre os quais O Paiz e A Gazeta da Tarde - e publicou vários livros através dos quais procura dar nova

perspectiva sobre a sociedade e as questões de sua época em um momento em que se formava, através de veículos de comunicação, o que veio a ser conhecido como opinião pública.

Madalena cronologicamente é o primeiro de seus romances que chegou até nós, por ela datado de 1879. Nos registros bibliográficos está escrito que foi inicialmente publicado como folhetim em O Sorriso no ano de 1881. Mas primeira edição em livro, que conhecemos saiu junto a outros dois de seus romances - Uma Vítima e Duas Irmãs- e foi feita no Rio de Janeiro, pela Tipografia Central, de Evaristo R. da Costa, em 1884. As três datas diferentes entre si, então apontam para a data da escrita e das divulgações. O romance teve boa recepção, foi saudado no jornal O Paiz.

Os títulos dos romances de Delia, já chamei atenção sobre isto em outros textos, são nomes de mulher, ou sugestões que apontam para mulheres como uma vítima ou duas irmãs. Temos Celeste, Celina, Angelina, Aurélia, Lésbia ou a Estátua de Neve, dentre outros. A escolha do título indica o tema principal desta autora, a mulher na sociedade de então, uma sociedade em mutação, com movimentos de abolição e república, introdução de novas idéias e ideais. Uma sociedade onde a mulher não deveria ser agente ativo de artes e cultura, preceito não obedecido por muitas que se lançaram às letras e ao envolvimento com movimentos sociais, pagando, sem dúvida, um preço por sua ousadia. A respeito da mulher nessa sociedade, assim como a respeito de temas como trabalho e educação e organizações, Delia se pronunciou a partir de romances ou estórias breves.

Em Madalena temos a narrativa de períodos da vida de uma moça da alta sociedade parisiense cuja vida já trazia um roteiro explícito, desenvolver algumas prendas, aprender a cuidar da casa, casar ter filhos, sempre prestativa, sempre dedicada aos outros, sempre sem uma história própria. Mas o percurso da personagem se faz com interessantes alternativas e distinções. O acontecimento central continua sendo o casamento, fundamento da continuidade social e familiar. Da jovem que se prepara para o casamento não se pretende que estude algo além de boas maneiras e a questão dos estudos superiores nem mesmo se colocava, assinala Perrot.

No final do século dezenove, já não era inusitado o encontro entre jovens que se nada como classe, dinheiro ou religião os afastasse, poderiam acabar se casando. Este é o caso de Madalena, moça rica, e exceção fundamental, com dinheiro e recursos próprios, tendo ficado órfã de mãe, desde muito nova, é criada pelo pai e por um tio com todo esmero educacional dado aos rapazes, é moça estudada em negócios e muito culta. Um dia, andando a cavalo no Bois de Boulogne encontra um cavaleiro que faz disparar seu coração. E nesses simples dados iniciais pode-se perceber as assimetrias que a autora começa a assinalar entre ideais de seu tempo e a realidade. Ao mesmo tempo em que escolhe o marido, ela indica o não preparo das moças para fazer esta escolha. As moças entregavam-se a sonhos e ilusões, mesmo tendo estudado não estavam aptas para a vida. E a ilusão, rápido, levava a desilusão. O "herói dos sonhos" logo após breve período idílico se revela um marido entediado e entediante.

No início, grandes sonhos. A viagem de lua de mel, moda que se difundira a partir de 1830, continua o sonho e a viagem à Itália e se

tornara um rito arraigado. Madalena, inebriada de felicidade, não deixa de na paradisíaca ilha italiana de Ischia, próxima a Nápoles, lembrar-se de Gisela, personagem de Confissões do escritor francês Lamartine, que abandonada pelo amado, acaba morrendo de amor. Prenúncio, indício e sinal do que estará por vir. Mas, nas terras quentes da Itália a sugestão, para as noivas da época, era de sensualidade, e a sensualidade esteve presente nesta viagem de Magdalena que "entregava [se], inteiramente, ao sentimento profundo que me abrasava toda!" Perrot nota que havia contradição entre este tipo de transporte nas viagens de núpcias e a posterior sexualidade conjugal. Era importante que a viagem provocasse imagens duradouras de arroubos e felicidades sensuais que depois não mais seriam valorizados. A intimidade do casal jamais era abordada nos livros ou nas representações gerais. Esperava-se das mulheres que vivessem para os filhos e para a família. Essa etapa, a dos filhos, já não fez parte do percurso de Madalena, ela não teve filhos, criatura contra natura. Outra rebeldia da escritora. O marido passa a conviver com os amigos, companheiros de jogo, e esquece-se da esposa. Madalena, desiludida, transforma "o abandono em excentricidade" e trama uma vida própria pela via dolorosa. Ora, a ascensão da burguesia passara a exigir o respeito à lei e ao decoro, a certos comportamentos O decoro exigia que as pessoas não dessem motivos a falatórios, fossem discretas, o que tornava a excentricidade ou uma vida diferenciada, um escândalo.

Vale notar outros aspectos de época meio ao enredo de Délia. Madalena tem uma amiga íntima, uma amiga desde os tempos de escola. A escolha de uma amiga íntima era episódio importante na

vida de uma jovem adolescente. Corbin é quem lembra que as mães favoreciam essas amizades esperando que contrabalançassem os conhecimentos mais mundanos e se tornassem a antítese das frivolidades. George Sand retratou a doçura desse tipo de amizade. Naquele mundo, fechado e restrito, a segregação dos sexos reforçava gestos ambíguos captados somente pelas companheiras inseparáveis. E, muitas e muitas vezes essas amizades duravam para sempre. No romance de Delia uma amizade desse tipo é central para a ação da personagem principal. Proporciona-lhe motivação para tomar providências, ter atitudes, circular pela cidade, resolver a melhor maneira de contornar e impedir a débâcle da família da amiga.

Em Paris, por volta de 1880 as mulheres começam a poder circular pelas ruas. As reformas urbanas o permitem, assim como permitiram que se mostrassem em terraços e cafés iluminados pelos lampiões de gás. Quadros de pintores como Éduard Manet - O Balcão de 1868-69 ou Gare St Lazare de 1873 - ou os de Mary Cassat - No Balcão, 1873 - entre muitos outros retratam essa nova exposição das mulheres. O tema do balcão, extensamente trabalhado por Cassat nos anos de 1880, especialmente, aglutina várias questões em torno de gênero, sexualidade e divisão social do espaço, lembra Pollock. O balcão aberto permite às mulheres observarem a rua ou assistirem, nos teatros, a peças e óperas. Ao mesmo tempo, possibilita que sejam vistas. o balcão torna-se então um espaço perigoso, liminar, fronteiriço entre a respeitabilidade escondida dos interiores e o espaço não regulado das ruas. “No século dezenove” diz ainda Pollock, “a feminilidade” era calibrada por essa divisão espacial. A “senhora idealizada, respeitável, era

localizada no interior e lhe era oposta a mulher trabalhadora e sexualizada do lado de fora." Lembra ainda que a ordem social se identificava com três pilares: mulher; família; lar. Nesse cenário, a balcão era signo visual de ambivalência, de provocação. O estudo das pinturas de Cassat deixa perceber que a sexualização poderia ser substituída por uma vitalidade intensa e um estar à vontade nas várias figurações.

É com essa intensa vitalidade, como se estivesse à vontade no mundo, que Madalena, se apresenta, mesmo que às vezes se abandone, no recesso de seu palacete, a melancolia ou aos suspiros de vertigem, provocados pelos ventos ou tempestades. Mas em todos os momentos a personagem é extremamente teatral, gosta de se mostrar da maneira que premeditou. Logo no desenrolar da primeira cena percebemos esses aspectos. Madalena entra em um baile, todos os olhares se voltam para ela que possuía "esse quê indefinível da beleza incontestável [...] a realeza da formosura [...] Ela notou o efeito que a sua presença produzia..." Saindo exausta da festa, reclina-se nas almofadas da carruagem, "parecia um grande artista, que acabava de representar importante papel e que, depois dos aplausos delirantes da turba, se via desencantado, só, no seu santuário de gênio mendigo." E então a autora generaliza: "E o que era essa linda mulher na cena do mundo mais do que uma artista consumada, tentando emoldurar em fictícia felicidade a sua soberana beleza?" Esforço mundano? Mulheril? Não, era cálculo, e, pensa Madalena, por isso infalível! Os espectadores, isto é, as pessoas de seu círculo de conhecidos, não sabiam nem desconfiavam quem pudesse ser essa mulher, mas acreditavam na versão de si mesma que ela expressava e assim se impunha.

Na versão que faz de si mesma, Madalena não encontra lugar para um outro espaço onde as mulheres circulavam, a grande loja de departamentos. Esse espaço correspondeu, naquele período, a um dos grandes temas urbanos e das artes. Zola, em Au Bonheur dês Dammes (A Felicidade das Damas), ou mesmo em Nana, descreveu, em detalhes esse novo espaço que significou para as burguesas prazer, feminilidade, consumo de bens de luxo assim como a elaboração de códigos e etiquetas. Por outro lado, para as vendedoras, eram locais de trabalho duro e de encontros secretos. Ao flaneur , o homem moderno por excelência que tinha para sua observação toda a cidade, correspondeu a mulher consumidora que começava a freqüentar as grandes lojas. Note-se, no entanto, que ir às compras ou flanar pelas grandes lojas, pretextos para encontros amorosos ou troca de bilhetes, não faz parte da agenda de Madalena. "Ela não era santa, era uma mulher virtuosa...", diz a certa altura a personagem, por escolha própria, não por imposições. Virtude aqui entendida como a palavra renascentista virtu, no sentido de valor próprio, e intensa preocupação com reputação, nobilidade, dignidade. E sua escolha fora pela via dolorosa, tivera seu Calvário, sofrera e continuaria sofrendo a espera da paz na eternidade, recompensa de uma vida resignada e digna.

A opção da personagem é pela via dolorosa. A originalidade da piedade do século XIX advém da agregação progressiva de orações para cura individual. A partir de cerca de 1860, os méritos advindos do sofrimento são acrescentados aos merecimentos individuais. Maria como Mater Dolorosa inspirando uma sensibilidade trágica, por sua vez calcada na exaltação da dor, começa a cair em esquecimento e as preces se tornam mais infantis.

Assim se inicia o romance:

"...em pleno Paris, isto é, no inverno, que trás sempre o seu deslumbrante cortejo de bailes, espetáculos, divas e escândalos."

O segundo Império, ansioso por afirmar sua legitimidade, favoreceu o espaço e a arquitetura espetacular e o fausto da vida parisiense permitiram a uma sociedade composta de novos ricos exibir seu mais recente esplendor. A população crescera consideravelmente e devido as mutações geradas pelo progresso industrial a burguesia, e a pequena burguesia, se desenvolvem e enriquecem. Designado pelo Imperador, Haussmann redesenhou a cidade, pôs abaixo casas e ruas inteiras, redesenhou, construiu outras casas e os grandes boulevard. A nova arquitetura introduziu o ferro o que por seu turno suscitou debates sobre o bom e o útil. A arquitetura deixava à mostra as armações de ferro das construções e permitia a luz entrar através de vidros. Nessa sociedade os pintores começam a sair de casa para ver paisagens e escritores queriam mostrar todas as facetas do homem e da sociedade.

O eixo que vai do Parque Monceu até a Madeleine passando pelo Saint-Augustin via o Boulevard Malesherbes resume o VIII Arrondissemnt. O Oitavo era um bairro novo, haussmanniano, residencial e burguês, perturbado, no entanto, pela poeira e os tranways. As personagens do romance estão associadas aos lugares como nos quadros dos impressionistas. Salões eram locais de observação onde aparecem na ficção os códigos da vida social. Teatralizam um mundo onde o jogo das aparências, sob o efeito de um olhar exterior, quebra a mentira, a vaidade, a

crueldade e o dinheiro. E Madalena, morando no Malesherbes, com tantos atributos, seguiu bela e firme pela via dolorosa que escolheu.

I

Estamos em Paris, em pleno Paris, isto é, no inverno, que traz sempre o seu deslumbrante cortejo de bailes, espetáculos, divas e escândalos.

Depois de um dia glacial e chuvoso, veio a noite, ruidosa, animada, daquele viver delirante, que prende e encanta as imaginações eletrizadas.

Paris, portanto, tinha tocado à sua hora predileta.

Na rua Des Jardins, havia baile esplêndido, no palacete da baronesa de Raucourt, uma das elegantes de então e cujas festas tinham certo cunho de distinção e bom gosto, que atraía.

A baronesa pertencia a uma família aristocrática, casara com um homem de elevada posição social e era gentil.

Às onze horas, os salões estavam quase cheios: mulheres encantadoras – louras, morenas, pálidas, coradas; de olhares tímidos, de olhares vívidos, de frontes régias, e de maior variedade de méritos e seduções dificultavam a escolha aos observadores extáticos.

Começara o baile e o prazer brilhava em todos os semblantes.

No intervalo de uma valsa à quadrilha, anunciaram a Sra. De Lussac, à cuja entrada seguiu-se profundo silêncio.

As mulheres contraíram ligeiramente as sobrancelhas e os homens procuraram colocar-se na passagem da Sra. de Lussac.

-Ela vem com a bondosa tia! disse, ironicamente, uma moça de fisionomia angélica à sua vizinha, também interessante.

-Que invejável marido! Naturalmente ficou jogando a paciência, enquanto a mulher vem dançar, respondeu a outra.

-Que criatura ridícula e afetada! dizia noutro lugar da sala, uma menina de dezoito anos.

Mais adiante, a senhora de um diplomata murmurava:

-Onde irá esta moça buscar tanto luxo?!

Entre os homens também se trocavam palavras:

-Como é bela esta mulher! e que inteligência!

-Ora qual! é uma enfatuada!

-Não digas isso! é muitíssimo amável e graciosa.

-Vejo que estás em suas boas graças!

-Não há tal, Gastão, tu te pareces muito com um despeitado!

Tudo o que a ironia, a paixão, o despeito, o ciúme e a inveja podem criar, foi atirado, como chuva de pedras sobre a pobre Sra. de Lussac.

Vejamos, entretanto, quem era essa moça, conduzida pelo barão de Raucourt.

A Sra. de Lussac tinha vinte e seis anos; havia em toda a sua pessoa esse quê indefinível da beleza incontestável.

Era de mediana estatura, alva, cabelos escuros a sombrear-lhe a fronte nobre, pálida e, às vezes, pendida em merencório cismar.

Os olhos negros, de forma amendoada, despediam, de longe em longe, uns lampejos felinos e magnetizadores.

O andar e os ademães[1] ressentiam-se dessa morbidez que os franceses atribuem às mulheres, a quem chamam créoles[2].

Enfim, se Madalena Ormieux, Sra. de Lussac, nada fosse na sociedade, teria, ainda assim, a realeza da formosura, porque a formosura, como tudo quanto possui a soberana grandeza, tem o seu cetro.

Ela notou o efeito que a sua presença produzia: dolorosa expressão estampou-se em seu pálido rosto.

Ergueu brandamente seus lindos olhos, percorreu com olhar suave, quase humilde, aquelas fisionomias contraídas e pareceu pedir-lhes perdão de ser tão bela.

E, com seu andar de sílfide, foi sentar-se junto à Sra. d'Aubry, sua tia, que a acompanhara, uma respeitável senhora, tão formosa na sua velhice, quanto o era a sobrinha na sua mocidade.

A Sra. d'Aubry sorriu para a moça e disse:

-Estás triste, Madalena?

-Oh! minha tia, não vê como estas mulheres me olham? Estou acima de suas opiniões, mas, há momentos, em que isto dói!....

-Ora, filha, elas te invejam! eis tudo; e, no entanto, nunca viram, nem compreenderiam o que tens de melhor – a tua alma.

---

[1] Trejeitos, maneiras.

[2] Designa pessoa branca nascida e criada nos trópicos em colônia europeia, filha de pais oriundos das metrópoles. A morbidez que lhes era atribuída se referia a moleza e delicadeza das carnes, leveza nas atitudes, no caminhar. A palavra aponta para o latim morbidus, isto é, enfermidade e acabou por evocar o que se considerava antitético: de um lado excessiva sensualidade e sensibilidade e de outro uma moleza, um trabalho de decomposição que favorecia febres dos sentidos e dos nervos. Paixão amorosa e morte eram tidas como constituintes da essência da morbidez.

-O amor, que me vota, cega-a, minha tia, e faz-lhe ver em mim todas as maravilhas imagináveis.

-Qual! apenas manifesto o que és. Se todos falassem sinceramente, diriam o mesmo. És formosa e não há nada mais fatal....

-A senhora que o diga, interrompeu Madalena. Eu calculo as amarguras que a sua beleza lhe causaria...

-Pesa-me tanto, quanto a tua; acudiu, sorrindo, a velha senhora.

Pouco depois, uma moça esbelta, mimosa, dirigiu-se, com leve sorriso, para Madalena, beijou-a nas faces e sentou-se a seu lado.

-Como passas, Clotilde? perguntou-lhe a Sra. de Lussac.

-Bem; mas sentia saudades de ti. Teu marido não veio?

-Não; talvez venha, mais tarde, jogar. Como está o Artur?

-Sempre meigo e bonitinho....Perdoa-me, Madalena, o entusiasmo de mãe....

- Felicito-te, pelo contrário; és encantadora na tua ventura.

A conversa foi interrompida: vieram convidá-las para uma quadrilha.

O par de Madalena era um moço de bizarra aparência e notável formosura.

Suas feições regulares, belas, efeminadas, desafiavam o pincel a reproduzi-las com entusiasmo; às vezes porém, havia no seu olhar uma expressão falsa, que afastava as naturezas leais.

Enquanto dançaram, atraíram a atenção geral: ela era linda, ele o mais encantador D. Juan da época.

As mulheres disputavam-no; e a preferência visível, que ele dera à Sra. de Lussac sobre todas, aumentava a inveja e o ódio contra esta.

Entretanto, a feliz preferida, não mostrava o menor contentamento; até parecia contrariada.

O seu instinto de mulher, esse instinto, que jamais engana, advertia-lhe de que naquele homem havia veneno e perversidade.

Habituara-se o visconde de Presle a ver sorrirem-lhe todas as mulheres; essa fisionomia arrebatadora e séria o constrangia; e por isso, o orgulhoso sedutor procurava insinuar-se e conquistar-lhe as boas graças.

Terminada a quadrilha, ele, sempre risonho, encaminhou sorrateiramente a moça para uma espécie de estufa, que separava os dois principais salões e onde havia lugares impenetráveis, simulando uma floresta virgem.

Madalena compreendeu, mas disfarçou; não era loureira[3], nem virtuosa fingida, era mulher da alta classe, que conhecia o mundo; demais, sentia pulsar-lhe regularmente o coração: nada havia a temer.

O moço brandamente a conduzia por entre essas flores raras, aromáticas, trazidas de outros climas, bafejadas por outros zéfiros e que, todas, pareciam inclinar-se na passagem da formosa mulher.

Um perfume ativo, enervante, exalava-se dessa estufa traiçoeira.

O visconde, meio perturbado, disse, a sorrir:

-Como deve ser sublime o gênio do bem, que criou todas estas maravilhas, que se envergonham com a sua presença, minha

---

[3] Loureira é quem procura agradar; coquete; sedutora.

senhora; mas, que invejável seria o gênio do mal, se as mirrasse instantaneamente, entristecendo a fronte de V.ex.ª. Oh! eu daria a eternidade por semelhante poder!

Madalena cravou no moço o olhar profundo; seus olhos admiráveis despediram um daqueles lampejos felinos, que lhe eram peculiares, e, com voz doce, disse:

-Na verdade, quase não o entendo; daria muito para conseguir isso?

-Oh! respondeu ele, a salvação eterna!

-Modere-se um pouco, Sr. Visconde de Presle; não dê tanta expansão à sua veia de arrebatamento espanhol. Esses arroubos passam desapercebidos ante o seu auditório, reduzido, neste momento, à minha humilde pessoa, que é pouco entusiasta!

Madalena ria-se, e o visconde ouvia, com prazer, a sua voz maviosa.

Ela continuou, em tom mais sério:

-Quanto à sua aspiração a gênio do mal, está satisfeita. O senhor desejava sê-lo para ver estas flores mirradas e a minha fronte entristecida, repito-lhe que o conseguiu. Tendo entrado muitas vezes nesta estufa, só ou acompanhada, achei-a sempre admirável; agora, porém, que o Sr. é meu cavalheiro, estas flores estão mais pálidas, menos forte é o seu perfume, a minha fronte contrai-se e a alma revolta-se!...Por quê?!....Porque o senhor aqui está! As flores retraem-se para esconder o seu perfume, e a minha alma indigna-se por pressentir a perversidade oculta nessa aparência, que dizem tão sedutora!

-Minha senhora! exclamou o moço, pálido de despeito.

Ela o fitou desdenhosamente, continuando, com ironia:

-O senhor nem tem a coragem de encarar toda a magnitude da sua aspiração! Mas, agora, há de me ouvir até o fim: o visconde de Presle, esse Don Juan irresistível, esse ídolo das mulheres, não é na minha opinião, mais do que um pobre rapaz, naturalmente órfão, porque uma mãe lhe teria incutido sentimentos compatíveis com a sua idade e posição.

-Minha senhora! disse o moço, lívido, se V. Ex. fosse homem, não me diria tanto!

-Ora qual! visconde! Os sentimentos, como tudo neste mundo, estão sujeitos à lei do equilíbrio, e bem vê que essa sua coragem extemporânea ficaria muito deslocada não tendo em sua alma vazia nada que a sustentasse! Sei que sou a primeira e última pessoa, que assim lhe fala, não se há de esquecer, contudo, na sua fútil jactância de me envolver no número de suas conquistas, mas a minha vingança será a recordação deste momento, que, sem dúvida, acudirá à sua memória!...Tenha a bondade de me conduzir ao meu lugar e creia que, se não conseguiu entristecer a minha fronte, fê-la corar de indignação.

E Madalena, majestosa, despedindo-o com leve aceno de cabeça, envolveu-se em um grupo de moças que formavam um ramalhete de flores animadas, na sala próxima.

O Sr. Vernier, distinto naturalista e marido de Clotilde, dirigiu-se à Madalena, sorrindo, e disse:

-Minha senhora, andava à sua procura, a fim de chegar a tempo de obter alguma valsa ou quadrilha.

-Sempre acharia alguma coisa, pois me esquivo algumas vezes, para não dançar continuamente. Meu cartão está vazio, inscreva-se.

Vernier era o que se chama um homem distinto. Com quanto não fosse uma fisionomia correta, tinha uma fronte inteligente e uma maneira insinuante de se exprimir.

Madalena lhe apreciava o espírito e o estimava.

A orquestra preludiou uma valsa, e a moça deixou-se enlaçar pelo seu elegante cavalheiro.

Ela valsava muito bem; parecia deslizar graciosamente pelo salão e, no sorriso que lhe soabria os lábios, mostrava o prazer que sentia em dançar.

À uma hora da manhã, quando o baile estava no seu apogeu, quando os olhares se tornavam mais expressivos e as flores despediam mais perfume, Madalena dirigiu-se ao toilette com a Sra. Aubry e eclipsou-se.

II

A Sra. de Lussac reclinou-se indolentemente nas almofadas do carro, entregando-se ao tédio, que a consumia.

Sua fisionomia pálida, seus olhos fixos davam-lhe a aparência de completo aniquilamento, o que correspondia perfeitamente ao estado de sua alma.

Parecia um grande artista, que acabava de representar importante papel e que, depois dos aplausos delirantes da turba, se via desencantado, só, no seu santuário de gênio mendigo.

E o que era essa linda mulher na cena do mundo mais do que uma artista consumada, tentando emoldurar em fictícia felicidade a sua soberana beleza?! Que esforço mundano, fútil, mulheril, não?....

Pois não há tal! era cálculo de mulher e por isso mesmo infalível!

Esse fútil esforço era uma ideia delicada e grande.

Madalena compreendera que a melhor barreira, o melhor escudo para salvaguardar a sua pessoa de tentativas audaciosas, seria uma auréola ou aparência de ventura, que, tornando-a mais interessante, afugentasse a afronta.

Com a engenhosa imaginação, procurou transformar o abandono do marido em excentricidade e compreende-se bem que, nessa tarefa titânica e quotidiana ela tivesse muitos momentos de desânimo e desolação!

Às vezes, ainda no meio dos seus triunfos sobre a opinião pública, sentia-se abatida, sem energia, quase morta.

Nesse baile, donde, por assim dizer, fugira, tivera ainda uma provação a sua coragem.

Um enfatuado, um celerado de salão, mostrara-lhe bem a amargura desse isolamento, que revoltava todo o seu ser, espezinhando lhe o amor-próprio de mulher.

Essa vida de aparências cansava aquela alma franca e abatia aquele espírito enérgico.

Se, ao menos, a sua existência tivesse um fim, uma aspiração!

Nada!

Outras vezes, indignava-se e jurava viver como lhe aprouvesse; mas, pouco depois, refletia e continuava na luta.

A ideia do suicídio luzira-lhe sinistramente no cérebro, mas foi um lampejo: a mulher refugia-se na religião e a Cruz sabe amparar.

Voava o carro e a Sra. d'Aubry calculando o que se passava no espírito da sobrinha, não lhe dirigia a palavra, sabendo que há momentos, em que esses marasmos do espírito consolam ou adormecem as almas despedaçadas.

Chegando ao Boulevard Malesherbes, o carro parou à porta de elegante residência e as senhoras saltaram.

- O Sr. De Lussac está em casa? perguntou Madalena ao criado.

- Está jogando, em seus aposentos, respondeu ele.

Madalena o despediu com o gesto e disse à Sra. d'Aubry:

- Minha tia, beije-me e durma bem.

Encaminhou-se lentamente para o lado da casa ocupada por seu marido: atravessou diversas salas e penetrou no gabinete, onde ardia bom fogo.

Junto à mesa estava o Sr. De Lussac com seus companheiros de vigília.

Ao verem a moça, levantaram-se e cumprimentaram-na.

-Não se incomodem com a minha chegada, disse ela, deixando-se cair sobre pequeno divã.

-Divertiu-se, Madalena? perguntou-lhe o marido.

-Um pouco....A baronesa de Raucourt notou a sua ausência, disse ela.

-Foi-me impossível ir; prendeu-me o voltarete[4]; demais, aqui, estamos mais à vontade.

E, sem mais se importar com sua mulher, continuou a jogar.

A moça ali ficara muda, imóvel, simulando uma bela estátua; a riqueza de seu traje contrastava com a melancolia de seu adorável semblante; o olhar fixo dava-lhe estranha expressão.

Havia já uma hora que ela assim se conservava, quando seus olhos, perdendo a fixidez, pareceram ver o que a rodeava: os espelhos, refletindo as luzes; o fogo, crepitando e fazendo estalar a lenha no fogão; os mil objetos de arte, que enchiam os consolos e finalmente o grupo de jogadores.

Anuviou-se lhe o rosto, ao deparar com o marido.

Viu-o belo ainda, apesar do cansaço da fisionomia; admirava a suavidade de suas feições e palidez dessa fronte, onde a inteligência podia ter sido coroada!....

---

[4] Voltarete é um antigo jogo de cartas com baralho de quarenta cartas jogado com três parceiros. Etimologicamente a palavra significa cambalhota, volta no ar, no caso da carta que deve servir de trunfo. Macedo em *A moreninha*, Alencar em *A viuvinha* , Machado de Assis em "História sem data" e Artur Azevedo em *O Bilontra*, entre vários escritores brasileiros da época, introduzem este jogo em seus romances ou peças.

O passado acudia-lhe à mente, e ela via, então, o Sr. De Lussac mais belo e moço, amando-a e percorrendo juntos uma vida de rosas, que parecia dever durar sempre!....

Lembrava-se de certas felicidades, que não se olvidam....via-o, pálido de emoção, entregar-se aos seus loucos e incomparáveis carinhos.....

Uma risada seca e nervosa do Sr. de Lussac chamou-a à realidade.

Madalena estremeceu; e, não podendo conter os soluços, que a sufocavam, retirou-se, sem que a sua ausência fosse notada.

Caiu sobre o leito e chorou como criança; depois mais aliviada, começou a despir-se. Tirando a manta, viu-se, com o traje de festa, refletida no grande espelho.

Doloroso sorriso passou-lhe pelos lábios.

-De que me serve esta fatal beleza?!....Mísera! misérrima que sou! Este dom, que devia assegurar a minha ventura, é desprezado pelo ente que o devia apreciar, e desafia caprichos insultantes! Oh! meu Deus! quando descansarei?....

Todas estas palavras eram acompanhadas de lágrimas, e estas também lhe banhavam as jóias, que as mulheres tanto lhe invejavam.

Madalena vestiu longo penteador branco e, pálida, lacrimosa, sem atavios, só com a sua estranha formosura, deixou-se cair sobre o genuflexório e orou.

III

No dia seguinte, à uma hora da tarde, Madalena, mandou preparar o carro e dirigiu-se à casa de Leontina de Rochefort.

Depois de uma noite agitada, levantara-se desfeita e, se não fosse um bilhete que na véspera recebera dessa sua amiga de infância, não sairia de casa.

Leontina era para ela uma irmã e só a uma irmã poderia ver, depois de noite tão cruel.

Tinham-se conhecido no colégio e suas almas ardentes, amáveis, haviam-se fundido, por assim dizer, em uma só.

Estremeciam-se[5] ternamente; quando solteiras viviam quase sempre juntas; o casamento separara-as um pouco, deviam-se aos seus respectivos maridos.

Chegando à casa da amiga, penetrou Madalena até ao toucador, em cujo quarto a avistou reclinada em um divã, tendo a seus pés um menino e uma linda menina.

Era Leontina interessantíssima, morena, pálida, grandes olhos cintilantes, boca levemente sensual, alta, bem-feita e, a substituir-lhe a graça, tinha em toda a sua pessoa, uma tal majestade, que, dir-se-ia, que essa mulher sentia-se rainha e dificilmente perdoaria a quem lhe negasse a devida homenagem.

Madalena parou no limiar da porta e contemplou aquele gracioso quadro.

Notou, porém, extrema melancolia no semblante da amiga e essa descoberta interrompeu-lhe a suave contemplação.

-Leontina!

-Madalena!

---

[5] Estimavam-se mutuamente.

E, rápida, a Sra. de Rochefort enlaçou-a nos braços e sentiu as pálpebras umedecidas. Dirigindo-se aos meninos, disse:

-Meus filhos, vão brincar no jardim.

Madalena, dolorosamente surpresa, beijou as crianças e deixou-se cair no sofá: temia penosa revelação.

Depois da saída dos filhos, Leontina fechou cuidadosamente a porta e, sentando-se junto à amiga, exclamou:

-Oh! como sou desgraçada!

-Tu, Leontina?! mas como? desde quando?!

-De há muito!

-E por que me ocultaste isso?....É verdade que eu só poderia chorar contigo!....mas, enfim, devias ter certeza de que compartilharia tuas mágoas!

Leontina chorava, apoiando a fronte no peito da amiga; e, quando as lágrimas lhe aliviaram um pouco a dor, disse:

-Oh! Madalena! perdoa-me! Se há mais tempo não te fiz confidente da minha desventura, foi para poupar mágoas a teu pobre coração e por um sentimento de delicadeza, por uma homenagem ao meu amor passado!....

Calando-se, como para tomar fôlego, e dando depois profundo suspiro, continuou:

-Há, seguramente, um ano que Henrique não é o mesmo homem.

Crescente indiferença substituiu todo o amor, que votava. Chorei, supliquei-lhe que me dissesse a razão de tal procedimento. Respondeu-me com arrebatamento e grosseria....Sabes quanto custam as lágrimas à uma natureza como a minha! Sofri, odiei e

desprezei a mim mesma, por não poder opor o desdém à indiferença!

O tempo foi mudando o meu modo de sentir; a ideia de vingança sorria-me tentadora. Pensei em atirar-me a esse abismo, cujo declive é a leviandade, mas a lembrança de meus filhos, inocentes, puros, salvou-me. Tive a coragem de te ocultar, minha irmã, o meu tormento, porque te conheço e temia a severidade do teu olhar amargurado!....Há, porém, alguns meses que meu marido vive, por assim dizer, fora de casa. Onde passa esse tempo? Ignoro-o. Sei que está magro, desfeito, triste! Tenho a alma muito torturada e ofendida para tentar consolá-lo. E quem sabe como seria recebida? Chamei-te, pois, para desabafar o meu peito! Tu me conheces bem, deves compreender que só o amor que voto a meus filhos não me pode encher o coração! Aquela sede de afeição que nele sentia e que julguei ter aplacado com o meu amor, hoje, reaparece insaciável! Oh! Madalena, salva-me do abismo que me quer tragar! Sé a tua voz é capaz de me desviar do mal e de me entregar, sã, ao amor de meus filhos!.....

A pobre mulher estorcia-se nos paroxismos do desespero, e só os seus soluços interrompiam o silêncio, que reinava nesse toucador de mulher faceira, transformado em confessionário de dores.

Madalena, pálida, angustiada, contemplava Leontina e enxugava-lhe as lágrimas.

Pela expressão do seu semblante, via-se que ela concentrava o pensamento e refletia.

Depois de afagar a fronte e os cabelos da amiga, disse-lhe:

-Ouve-me, Leontina. Conheces minha vida e compreendes quanto tenho padecido! Creio até que as primeiras lágrimas amargas, que verteste, foram causadas por meus dissabores! Tenho, portanto, certa experiência do mundo. Queres saber o que há de mais pungente na tua desventura? É ser o causador dos teus desgostos o ente a quem só deste amor e que tão mal te recompensa. Se te desviasses da senda do dever, não terias o direito de te queixar, nem de ser atendida, e juntarias às desilusões de tua vida – o remorso e a vergonha! Tua alma pura acusar-te-ia do seu aviltamento, porque, só uma alma honesta é susceptível de certos remorsos, e tua fronte coraria na presença de teus inocentes filhos! Já vês, minha Leontina, que não haveria a menor vantagem nessa vingança, em que tu perderias tudo e também a estima de ti mesma, que é o maior bem moral! Lembra-te dos conselhos do teu venerável avô e procura no íntimo os germens de todos os sentimentos generosos, que ele te infundiu. Estás alucinada e Satanás só procura apoderar-se de corações como o teu. Todas as grandes almas sofrem, passam por essas crises e só se tornam verdadeiramente grandes, quando conseguem triunfar na luta! Fomos sempre unidas na infância; constantes, quando as ilusões nos bafejaram; sejamos irmãs na amargura! Eu tenho tragado o fel de todas as dores e, não carecendo de zelar o nome de mãe, respeitei-me. Se fosses uma mulher vulgar, eu não saberia o que te dizer, mas és inteligente e generosa; espero pois, curar-te. Pela memória de teu avô, pela vida de teus filhos, suplico-te que faças o que te vou pedir. De hoje em diante, opõe à indiferença de teu marido imensa calma natural, não exagerada. Raul tem sete anos e Berta seis; é cedo para começarem os estudos, porém não importa. Esse trabalho mais te prenderá a eles, distraindo-te,

curando-te, e fará com que formes a alma e o espírito dos meninos, único bem que o céu te concedeu, e que, como tal, deves considerar, doravante.....

-E o céu concedeu-me também Madalena! interrompeu-a Leontina, beijando-lhe as mãos. Sê abençoada! Deus, ao fazer-te tão bela, destinou-te à missão de consolar os aflitos!

Madalena ergueu-se, e, tomando a amiga nos braços, disse, com autoridade:

-Juras, pela eterna salvação de teus filhos, cumprir tudo que te disse?

-Juro! murmurou Leontina.

-Juras que, de hoje em diante, tudo me contarás, a fim de te poder guiar?

-Juro! repetiu ainda a moça.

-Pois bem! minha irmã, hás de ser feliz, porque Deus aceita esses sacrifícios, em que o coração serve de holocausto e terás na alma de teus filhos a recompensa, que o céu te destina!

Ao dizer isto, Madalena beijou Leontina e murmurou limpando duas lágrimas ardentes:

- Obrigada, meu Deus!

IV

Alguns dias depois da sua visita à Leontina, Madalena pretendia ir ao teatro com Clotilde Vernier.

Eram seis e meia horas da tarde; chovia torrencialmente.

A Sra. de Lussac e seu marido estavam em elegante gabinete, onde mil objetos de luxo enfeitavam esse ninho, abandonado pela felicidade.

Raul de Lussac fumava, reclinado, indolentemente, em cômoda poltrona, com o olhar perdido no espaço, sem pensar em cousa alguma.

A moça sentara-se junto à janela, que deitava para o jardim, e lia.

Leu por muito tempo, porém, como se uma ideia importuna a perseguisse, mesmo enquanto lia, fechou o livro e, distraidamente, contemplou a chuva.

O mau tempo e, especialmente a chuva contínua, exerce grande influência em certas naturezas.

Madalena tinha um organismo delicado, nervoso e sujeito, mais que outro qualquer, à variação atmosférica.

Sua cabeça admirável, adornada com plumas brancas e graciosamente voltada para o jardim, encerrava os pensamentos mais tristes, que o cérebro humano pode conter.

E esse coração, que pulsava regularmente sob as finíssimas rendas do peignoir[6*], era torturado pelo maior dos pesares, o aniquilamento de toda a esperança terrestre.

Vendo esvoaçar os pássaros medrosos, voltando aos ninhos; contemplando, comovida, o desfolhar das flores e o balouçar louco das árvores, agitadas pelo vento, ela sofria.

Toda essa desordem exterior devia, entretanto, tornar-lhe caro e aprazível o lar.

Essa ideia chamou-a à realidade, mas viu-se tão só, nessa suntuosa habitação, tão diferente do que sonhara era o seu viver, que as lágrimas lhe saltaram dos olhos.

Possuía o maternal afeto da Sra. d'Aubry, ao qual correspondia ternamente, mas, na sua idade só isso não bastava.

Faltava-lhe esse amor exclusivo, que faz descuidar um pouco de todos os outros afetos, e esta falta para a sua alma ardente e amorosa, era um vácuo abismador.

Havia algum tempo que Madalena se engolfara completamente nesses dolorosos pensamentos e já tinham as trevas invadido o gabinete, quando foi despertada pela aparição de um criado, que trazia luzes e uma salva com cartas.

Então, sacudindo os membros entorpecidos, sentou-se ao piano e principiou a tocar, com paixão, uma valsa de Chopin.

Esse sublime sonhador parecia suavizar-lhe a alma dorida com a meiguice de suas melodias.

---

[6]Vestimenta tipo roupão cujo nome deriva de peigner, pentear, pois era colocado nos ombros por alguém ao pentear-se. Traje usado para ficar à vontade em casa.

Ela se deixava embalar, docemente, por aquela música divina, inspirada por alguma dor estranha e que, em parte, a consolava.

O Sr. de Lussac abria diversas cartas, e com certo enfado, ia pondo-as de lado, à medida que lia.

Depois de virar curiosamente uma, cuja letra lhe era desconhecida, resolveu também abri-la e leu o seguinte:

"Senhor

"Um de seus afeiçoados apreciando suas belas qualidades sente-se aflito, vendo-o ludibriado pela mulher a quem se dignou a dar o seu nome. Compreendendo que o senhor ignora o que se passa, vem por este meio abrir-lhe os olhos.

"Creia na estima do seu desconhecido

"Amigo"

-Ah! ah! ah! exclamou rindo-se, o Sr. De Lussac, essa agora é boa!....Uma carta anônima, a respeito de minha mulher!

A voz do marido arrancou Madalena do êxtase da música, e o sentido de suas palavras soou-lhe aos ouvidos como a trombeta do Juízo Final.

Ergueu-se, como impelida por uma mola e dirigiu-se para o Sr. de Lussac.

Este lhe entregou a carta.

Madalena, com o olhar entre admirado e triste, percorreu lentamente aquelas linhas, infamadas pela calúnia e pela covardia, parecendo pesá-las uma a uma.

Todas as palavras gravaram-se-lhe para sempre na memória.

Depois, apertando, convulsivamente, a carta em uma das mãos e segurando com a outra a do marido, disse-lhe, com extrema dignidade:

-Mas o senhor não crê....não é verdade?!.... Deve ter certeza de que sou incapaz de me aviltar!....não lhe parece?!....Amei-o demasiadamente, para saber respeitar o seu nome, Raul!.....

Era tão nobre a sua atitude, tão sincera a inflexão de sua voz, tão leal a fixidez de seu olhar altivo, ansioso de uma resposta, que esse homem gasto, indiferente, incrédulo, compreendendo que Madalena estava inocente, respondeu:

-Não creio nessa carta e entrego-a à senhora.

-Obrigada, Raul, por me reconhecer nesse ponto!

Duas lágrimas silenciosas correram-lhe pelas pálidas faces, caindo sobre o seio, como se quisessem voltar ao coração donde tinham saído!

E encaminhando-se para os seus aposentos, queimou a carta, depois de sorrir amargamente.

Em seguida, tirando o peignoir, enfiou elegante vestido a realçar-lhe a incomparável beleza.

Era um contraste vivo: uma formosura provocante, fatal, ocultando uma alma martirizada, ulcerada, votada ao sacrifício.

Duas horas depois, Clotilde veio buscá-la para o teatro.

Ai! essas duas moças, belas e ricas, chamaram a atenção geral.

Com prazer, contemplavam a soberania de Madalena, fazendo sobressair a beleza mimosa de Clotilde.

Esta parecia, com suas vestes brancas aéreas, uma suave criação de Ossian[7].

E Madalena?

Era a obra mais perfeita de Deus – a essência da mulher, a origem do pecado!

Não a Eva loura e meiga, como nos pinta a tradição, mas Eva, rainha, Eva, dominando o homem e arrastando-o ao abismo, Eva, depois da culpa com o olhar de esfinge e o sorriso provocador, deixando agitar-se os negros cabelos à mercê dos zéfiros!

Muitas pessoas de seu mútuo conhecimento foram cumprimentá-la ao camarote; no último intervalo, apresentou-se o visconde de Presle, dirigindo-se, amavelmente, a Clotilde e, meio perturbado, inclinando-se diante de Madalena.

Esta o mediu da cabeça aos pés e sorriu, desdenhosamente: o visconde, ainda mais perturbado, corou, em extremo.

Foi para Madalena o alívio de um grande peso; adquirira a certeza de ser o visconde o miserável autor da carta anônima.

---

[7] Ossian é suposto bardo gálico, antigo herói de um ciclo de baladas, às vezes representado como velho cego, que em 1762, o poeta escocês James MacPherson afirmava ter feito traduções de tradição antiga. As figuras nos versos são diáfanas, fadas vestindo transparentes roupas brancas. Os poemas tenham logo foram denunciados como fraude, mas só foi de fato reconhecida como tal no final do século XIX. Entrementes os versos obtiveram duradouro sucesso de público, geraram entusiasmo e controvérsia, inspiraram duas gerações de artistas do Romantismo. Conta-se que Napoleão Bonaparte levou seu exemplar dos poemas em todas as suas campanhas; que Goethe afirmava que seu Wether havia neles sido inspirado. J.R. Tolkein recuperou esses poemas e os transvestiu para o seu O Senhor dos Anéis.

Minutos depois, o visconde despediu-se, desesperado consigo mesmo, e esmagado talvez mais pelo desprezo de Madalena, do que pelas acusações de sua consciência.

V

Dois meses depois dos últimos acontecimentos, Madalena acordou vivamente alegre.

Apesar de nada haver em sua existência que a devesse alegrar, a moça sentia-se mais forte para suportar o peso horrível da sua vida despedaçada.

Deus, às vezes, na sua infinita misericórdia, nos concede dias assim, a fim de compensar outros de tanto dissabor!

Madalena desceu à estufa e levou mais de uma hora arranjando as suas flores raras e belas.

Depois de assim se entreter, almoçou com a Sra. d'Aubry, como costumava, e a quem o seu contentamento causou imensa satisfação.

Era tão raro ver Madalena com aquele sorriso de criança brincando-lhe nos lábios, que a velha senhora quase chorou de enternecimento.

-Madalena, disse ela, como ficas bem com essa alegria! Por que não te vejo sempre assim, pobre filha?

-Não imagina, cara tia, como acordei de bom humor! Um raio de sol atravessou a veneziana da janela e veio até o meu leito me despertar; era uma provocação da natureza. Despertei e, embora não seja supersticiosa, minha imaginação apraz-se em se deixar embalar por toleimas[8]. Imaginei que Deus me enviava aquele raiozinho de sol, como mensageiro de paz por todo este dia! Confesso que é uma criancice, mas abençoada criancice, que satisfaz, ao menos por hoje, a minha fantasia de mulher!

---

[8] Tolices.

Tudo isto foi dito com encantadora volubilidade; depois, um pouco mais séria, prosseguiu:

-E nós, pobres criaturas, não somos mais do que umas crianças grandes! Choramos hoje para amanhã nos sentirmos alegres, satisfeitas, só porque o acaso permite que se coe um raio de sol pelas frestas de uma veneziana!

E, sorrindo, beijou meigamente a Sra. d'Aubry.

À uma hora da tarde, a Sra. de Lussac, com deliciosa toilette gris-perle, entrava no cupê[9] e dirigia-se à casa da Sra. de Rochefort a quem depois da última entrevista ia ver quase todos os dias.

Ai chegando, subiu, ligeira, a grande escada, cujo tapete abafava o ruído de seus leves passos.

As cortinas descidas sombreavam o boudoir[10] de Leontina; custou à Madalena distinguir a amiga.

Vendo que esta não se movia, encaminhou-se para ela.

-Leontina!

-Ah! Madalena! como Deus soube enviar-te.

E, abraçando, febrilmente, a amiga chorava, desesperada.

Madalena, surpresa, fê-la sentar-se a seu lado e disse:

Teus filhos?!

-Estão brincando, respondeu Leontina.

-E teu marido?

---

9 Vestimenta cinza perolada. Cupê é uma carruagem fechada, de dois lugares, com o cocheiro sentado em um banco à frente, olhando para os animais.

10 Cômodo pequeno e elegante reservado, nas residências burguesas, à dona da casa, para seu repouso ou para receber pessoas íntimas.

-Esse é um desgraçado!...Sabes que, depois dos teus conselhos, eu vivia tranquila, dedicando-me aos meus filhos. A ausência de Henrique já não me inquietava. Haverá uma semana que ele jantou conosco, o que me surpreendeu. Achei-o triste e vi-o, algumas vezes, contemplar-me dolorosamente e prestar atenção à conversa dos pequenos. Soube conter-me e acariciei a esperança de pronta regeneração; mas, ah!...hoje, sei que aquilo era remorso e que só temos em torno de nós a miséria!

-Como assim?! interrompeu Madalena angustiada.

-Ouve-me: ontem à noite, ao deitar-me, ouvi passos e logo a voz trêmula de Henrique pedindo permissão para entrar aqui. Respondi-lhe que entrasse; estava pálido, desgrenhado, vacilando, como um ébrio. Interroguei-o com o olhar; pungente silêncio sucedeu à minha muda interrogação. Caiu sobre o divã e, fazendo violento esforço, lançou-se a meus pés, a pedir-me perdão!

-Levante-se, disse-lhe eu, conte-me, o que tem?

Ele prorrompeu:

-Leontina, amei-te e sabes se fui feliz! mas o destino é cioso e cegou-me a ponto de abandonar teus braços pela dama de espadas!...[11] Homens corrompidos levaram-me, insensivelmente, à banca do jogo e é raro sair-se sem mácula desse alcouce[12] de perdição! Nunca havia jogado; vê se compreendes a minha própria surpresa, ao sentir-me assim arrastado. Foi loucura, foi fatalidade, eu não me iludia, mas poderosa força me impelia e amordaçava a consciência. O remorso e a vergonha tornaram-me brutal para

[11] Título de um conto de Alexander Puskin, "Dama de espadas", de 1833, no qual um homem perde toda sua fortuna e sua cabeça no jogo.

[12] Covil.

contigo!....perdoa-me, eu estava alucinado! Nos primeiros meses, fui feliz, tripliquei a nossa fortuna e deixei-me seduzir pelo ganho. Pouco depois, a sorte abandonou-me e perdi tudo!....hoje, com o meu tardio arrependimento, trago-te a miséria!....Pensei no suicídio, mas isso de nada te valeria! Refleti; e, não devendo matar-me, jurei trabalhar para me reabilitar aos teus olhos e aos da sociedade! No dia em que me julgar purificado, porei ao teu dispor este arrependido coração, que só pulsou ao teu contato, e mostrarei ao mundo uma fronte altiva e plácida! Aceitas, Leontina, a regeneração de um homem? Queres, pela tua paciência, ser o penhor dessa luta?

Respondi-lhe que sim e que o ajudaria com o meu trabalho, porque tudo devo ao pai de meus filhos! Pedi-lhe não invocasse o seu amor, que não tivera a força de o chamar ao dever e à estima de si mesmo. Brevemente se fará leilão de tudo quanto temos; esta casa, móveis, carruagens. Sofro, Madalena, por ver despedaçado o futuro de meus filhos!

A Sra. de Lussac ouvira essa pungente narração, esse desmoronamento de uma família, com a seguridade de quem procura meio de remediar o mal.

Quando Leontina pronunciou a última palavra, deixando pender a fronte sobre seu peito e a chorar, amargamente, ela disse:

-E, no meio da tua desventura, não te lembraste de mim, de me pedir um conselho ou mesmo dinheiro?! Oh! Leontina, sabes que sou rica e que te adoro! O destino tirou-me tudo, mas deu-me imensa riqueza; e, se eu levar a efeito o que, neste momento, imagino, oh! então, abençoarei o ouro!....Se eu estivesse em tuas condições viria a teus braços e lembrar-me-ia da amizade, que nos liga! Onde está teu marido?

-No seu gabinete, respondeu Leontina.

-Conduze-me à sua presença.

A Sra. de Rochefort, surpresa, olhava-a, querendo ler-lhe no pensamento o que lhe ia n' alma.

Madalena, notando essa admiração, disse:

-Leontina, deixa-me fazer por ti e por teus filhos o que por mim farias, em idênticas circunstâncias, e prometa-me não te opor à minha vontade! Lembra-te do futuro dessas pobres crianças!

Tendo feito vibrar essa corda sensível do coração da infeliz mãe, Madalena foi levada por Leontina ao gabinete do marido.

VI

Achava-se, por assim dizer, mergulhado em sua poltrona, Henrique de Rochefort.

Uma luz baça esclarecia esse elegante gabinete, a cuja disposição caprichosa presidira o amor, assistindo agora às convulsões de agonia do seu habitante, como assistira aos esperançosos e felizes sonhos daquele mesmo cérebro, então, apaixonado.

Há, dizem, um gênio protetor das habitações e que se alegra ou entristece, segundo o drama íntimo, que vê desenrolar-se à sua vista.

Rochefort sentia essa impressão: aquelas paredes, que, outrora, pareciam sorrir, afagando as suas ilusões, estavam agora taciturnas, como que contemplando a horrível realidade, que o esmagava.

As lutas que sofrera, as que tinha em perspectiva, o cansaço, do qual o seu organismo se ressentia, o remorso, a vergonha e....uma nova espécie de amor, baseada na necessidade de consolo e na sensibilidade que o desgosto produz, causavam-lhe dor imensa, causticadora e que ele mais exacerbava, evocando o perdido passado.

Via-se filho único, educado por virtuosa mãe e crescendo feliz, sem temor do futuro.

Mais tarde, cansado, até ao tédio, daquilo que o mundo chama felicidade, fugia da sociedade e concentrava em uma mulher formosa, pura e amante, todo o afeto, que lhe escaldava o coração.

Amou-a! e como não a amaria? se ela o inebriava com sua meiguice e dera-lhe dois filhos, dois vivos penhores do seu acrisolado amor?!....

Mas há um gênio do mal, chame-se destino ou Satanás, o pária da eternidade, que inveja a ventura dos mortais e tolda-a, mordendo com os ervados dentes, o coração do homem e inoculando-lhe o veneno das más paixões!

Henrique de Rochefort acordou um dia, louco, e atirou-se, cego, ao lodaçal do vício.

Como de todo não estava pervertido e não era inteiramente mau, vendo a profundidade do abismo, em que lançara aqueles a quem somente devera amparar, caiu em si.

Encontrou no último recanto do coração uma fibra honesta e tentou, pela regeneração, purificar-se.

Mas a regeneração não se opera em um só dia e o Sr. de Rochefort quisera influir no curso do tempo!

A imagem de Leontina, bela, pura, servia-lhe de tortura e de incentivo.

Ela, a mulher fraca, soubera resistir ao abandono e ao amor-próprio machucado; ele, o homem forte, deixara-se seduzir, arrastar, perder!

Sentia-se mesquinho, vil, contemplando essa alma honesta, que protegia a inocência de seus filhos!

E, um dia, chorou, chorou sincera e amargamente e, quando um homem chora, cônscio do seu arrependimento, Deus lhe concede o perdão!

A porta do gabinete abriu-se e Leontina, seguida de Madalena, aproximou-se do marido.

Ergueu-se este, olhando para a mulher e cumprimentando, perturbado.

Madalena, pálida, comovida, comprimindo o coração, disse-lhe:

-Sr. de Rochefort, sabe que amizade me liga à Leontina: consideramo-nos irmãs. Entre nós nunca houve um segredo, desde a infância, e, por essa razão, conheço-lhe a desventura e o estado, em que se acha!... Sou muito rica e há na minha fortuna uma parte, da qual posso dispor à vontade.

-Minha senhora! balbuciou o moço.

Madalena, ainda mais pálida, com o olhar súplice e a voz suave e meiga, prosseguiu, tomando entre as suas as mãos de Henrique:

-Sr. de Rochefort, seja meu irmão, como Leontina o é; em nome de seus filhos aceite o que lhe vou propor. Amanhã procurarei arranjar o dinheiro que lhe convém. Se o que tenho não chegar, as minhas joias servirão de penhor para o resto da quantia. A sua dignidade não se deve ofender, é um empréstimo apenas! Aceito a resolução em que está de trabalhar. O Sr. de Lussac nada tem com esse dinheiro, pois a fortuna me pertence por doação incomunicável, e, além disso, em uma cláusula do testamento, meu tio reservou-me uma certa quantia completamente independente do meu dote e destinado aos meus caprichos!....Aceite, Henrique, aceite, meu irmão!....

Rochefort passara do pasmo ao respeito, à vergonha e à gratidão!

Enquanto Madalena falara, ele conservara a cabeça baixa e banhava com lágrimas as mãos da moça.

Leontina, ao ouvir as últimas palavras da amiga, juntou seus rogos aos dela.

Henrique ajoelhou-se ante Madalena, beijou-lhe as mãos, com frenesi e disse, com voz entrecortada por soluços:

-Oh! minha senhora! sois a Providência! Sede abençoada! Juro-lhe que, se já não estivesse resolvido a emendar-me, era bastante o que acaba de fazer para me obrigar a seguir a senda do dever!.... Creia-me que um homem arrependido é digno de perdão! Saberei merecer a sua estima!

Madalena, comovida, chorava e parecia com suas lágrimas lavar as culpas do moço e merecer-lhe a clemência de Deus!

Pedindo ao Sr. de Rochefort que se acalmasse, despediu-se.

Leontina a acompanhou e, beijando-a, disse:

-É a segunda vez que me salvas! sê abençoada! Acredita que, se neste mundo sofres, terás no outro a recompensa.

A Sra. de Lussac enxugava com beijos as lágrimas de Leontina e, fitando-a, com o olhar úmido e profundo, disse:

-Adorada irmã, tu ainda o amas, não é verdade? Bem vês que o teu orgulho de mulher não foi ofendido: a dama de espadas é uma rival toda especial. Confesso que é perigosa, porém.... sempre é de papel. Hoje é o último dia votado às lágrimas; vai para junto de Henrique, chora, mas de enternecimento pela sua transformação e cura-lhe a alma, dando-lhe coragem com teu amor, imenso como o universo. Adeus. Até amanhã. Quero ver-te plácida e a ele também.

E com a alma leve, feliz, entrou no carro.

Passando por uma igreja, apeou-se.

Aquele silêncio, aquela agradável frescura, impregnada ainda do cheiro do incenso, era justamente o que lhe convinha.

Ajoelhou-se, piedosa, diante da Virgem e orou por muito tempo, agradecendo a Deus a sua inspiração.

Depois, com a fronte serena, dirigiu-se à casa.

VII

Madalena, no dia seguinte, foi ao seu tabelião.

Depois de muito conferenciarem, ela saiu satisfeita, levando à Leontina a quantia de 280,000 francos, para Rochefort principiar com aquela base um novo meio de vida independente.

Encaminhou-se, depois, à casa do Sr. Descharmes, banqueiro acreditado, que fora amigo de seu pai e que a recebeu com todo carinho, mandando-a entrar para o seu gabinete.

-Que milagre apareceres por aqui, minha boa Madalena! A que devo esta satisfação?

-Meu amigo, venho pedir-lhe grande favor!

-Dize, sem preâmbulos, filha; se estiver ao meu alcance, tudo conseguirás.

-Pois bem, desejo, nada menos, que um emprego em sua casa e é para mim.

-Para ti? Não te compreendo, disse a rir o Sr. Descharmes.

-Sim! Desejo um bom emprego, onde se possa desenvolver zelo e estejam as faculdades intelectuais constantemente em exercício. Esse emprego é para mim, porém, em meu lugar, virá o Sr. Henrique de Rochefort, moço probo, inteligente, que deve entrar para sua casa com 280,000 francos, para também auferir interesses como associado. Confio que o auxilie e guie convenientemente, fazendo prosperar esse dinheiro. Sei quanto devo esperar do seu coração e, muito em particular, previno-o que se trata de uma reabilitação, para a qual, um homem como o meu amigo, terá prazer em concorrer.

-Minha filha, concedo-lhe o que me pede, pois, justamente o meu caixa acaba de falecer, e eu me achava embaraçado na escolha de um outro. É bom lugar e de muita confiança. O seu protegido pode vir quando quiser.

-Obrigada, meu amigo, disse Madalena, abraçando o velho banqueiro. Agora, convido-o para o baile, que pretendo dar, na próxima semana e peço-lhe que leve a gentil Leonia e a Sra. Descharmes. Não admito desculpas, pois quero ter o prazer de passear pelo seu braço.

-E eu, muito ufano ficarei por causar tamanha inveja aos rapazes! respondeu galantemente, o banqueiro.

Abraçou-o Madalena mais uma vez e saiu.

De volta à casa, escreveu a Henrique participando-lhe tudo e ficou satisfeita, a saborear a sua boa ação.

Henrique chorou, enternecido, ao ler a carta da moça e foi mostrá-la à Leontina.

Esta, acompanhada pelo marido, dirigiu-se à residência da amiga, a fim de agradecer tamanho favor.

Madalena estava ao piano e tocava com o sentimento que a provação soe dar.

Tocava, somente, quando a dor ou a alegria se apoderavam de sua alma: achava que a música era o meio mais sublime de testemunhar a Deus a resignação ou o reconhecimento.

Executava verdadeira hosana, ou saudação jubilosa, quando Leontina a enlaçou pelos ombros, cobrindo-lhe os cabelos de beijos e lágrimas.

-Tu, minha Leontina! que prazer me causas! e também Henrique!

Rochefort a olhou comovido; beijou-lhe a mão, respeitosamente e disse:

-Obrigado, minha irmã!... Só uma extremosa irmã faria o que acaba de me fazer!....

-Ora, Henrique, cale-se, disse a formosa criatura sorrindo.

-Não! mil vezes não! seja abençoada por tudo que nos fez! restituiu-me a honra e a ventura!

E, baixando a fronte, o moço enxugou as lágrimas que lhe banhavam o rosto.

Leontina nada pudera dizer, contemplava a amiga, com idolatria e chorava.

Madalena confusa, comovida, quase sofria, mas reagindo sobre si mesma, sorriu e docemente disse:

-São duas crianças, que estão a magoar os olhos. Quero vê-los alegres, e julgo que cessaram todos os motivos de tristeza!

A Sra. d'Aubry entrou na sala, pouco depois.

Mais tarde, apresentaram-se as pessoas que frequentavam, às quartas-feiras, a casa da Sra. de Lussac.

Passou-se uma noite agradável: tocaram, cantaram, conversaram com espírito, que fazia lembrar o tempo da Renascença.

Estavam todos de bom humor, porque Madalena mostrava-se contente e, a um sorriso dela, parecia que até a própria natureza participava dessa jovialidade.

Dizia um de seus admiradores líricos que, por um sorriso de Madalena, as estrelas avivavam o seu brilho e a brisa, que agitava loucamente as cortinas de renda, passava mais suave e impregnada de perfumes!

VIII

Chegara a noite aprazada para o baile que Madalena resolvera dar para comemorar a reabilitação de Rochefort.

A moça passou revista geral por todos os salões, a ver se faltava alguma coisa e, de passagem ia lhes imprimindo o cunho do seu bom gosto, já dando nova disposição a um móvel, já colocando flores, de modo diferente.

Quando tudo lhe pareceu perfeito, dirigiu-se ao boudoir, a fim de se preparar.

A noite mostrou-se esplêndida.

A primavera não estava longe, e, por essa razão, a temperatura tornara-se tépida, agradável, infiltrando no organismo lascivas sensações e parecendo por sua beleza obsequiar a nata da sociedade parisiense, que comparecia a esse último baile de inverno.

Às onze horas, já havia muita gente; e Madalena, radiante de alegria, conversava em um grupo de moças.

razia longo vestido de seda branca, bordado de prata, deixando-lhe a descoberto os formosos braços e o colo.

Nas caprichosas ondulações do vestido prendiam-se ramos de flores silvestres, com folhagem escura.

Um diadema das mesmas flores coroava-lhe a cabeça, fazendo pelo sombreado das folhas, empalidecer-lhe a fronte.

Um adereço de opalas com brilhantes ornava-lhe o pescoço, as orelhas e os pulsos.

Os olhos despediam aqueles fulgores, que lhes eram peculiares e aos quais ninguém podia resistir.

Ouvindo anunciar o visconde de Presle, franziu, ligeiramente, o sobrolho e murmurou:

-Naturalmente, é convidado pelo Sr. de Lussac!

Levemente, moveu com a cabeça, correspondendo ao cumprimento do moço.

Este se conservou, por algum tempo, no vão de uma janela, contemplando-a, como os ambiciosos contemplam os tesouros, que desejam possuir – avidamente.

Uma onda sanguínea invadiu-lhe a fronte, dando-lhe deslumbramentos, que prejudicavam a correção de sua bela fisionomia; depois, súbita palidez cobriu-lhe o rosto.

Deram o sinal de uma valsa e as mais encantadoras mulheres de Paris entregaram-se, com frenesi, ao vórtice perigoso de uma das composições de Strauss.

Henrique de Rochefort era o par de Madalena.

Ela valsava com paixão, e pela doce cadência dos leves passos, parecia seguir unicamente essa melodia plangente, que é, quase sempre, o tema da valsa e que os compositores alegram ou enfeitam com algumas variações.

Enquanto deslizavam seus pés de criança, a sua romântica imaginação deixava-se embalar por esses sonhos, que a fantasia esboça suavemente e aos quais a alma chega, às vezes, a aspirar!

Leontina, com a estranha beleza, nutrida pela felicidade, trajava graciosos vestido da cor do mar em calmaria, que lhe ia admiravelmente: era a segunda estrela da noite, porque fora impossível ter a primazia, onde estivesse Madalena.

Em terceiro lugar, figurava Clotilde Vernier, com brancas roupagens, parecendo uma criação poética.

Esta mimosa mulher tinha ainda em si alguma coisa de donzela; a borboleta a ressentir-se da crisálida, que lhe dava particular encanto.

Quando o baile chegou ao maior auge de animação, Madalena, com dolorosa expressão no lindo rosto, sentou-se no divã de uma saleta, onde ninguém se achava, e entregou-se à ideia, que a magoava.

Vejamos o que a fazia assim sofrer.

Madalena considerava Clotilde uma amiga e, se bem que não a estremecesse tanto quanto a Leontina, tinha-lhe todavia muita afeição.

Ora, depois de dançar uma quadrilha com o Sr. Venier, pareceu-lhe ver em Clotilde certa frieza, quando lhe sorria, o que, na verdade, a surpreendera.

Aconteceu que em seguida Vernier lhe pedira uma valsa, que foi concedida.

Terminada a valsa e, quando passeava pelo braço do seu cavalheiro, Madalena viu Clotilde, pálida, com sorriso irônico, olhando-a e falando baixinho ao visconde de Presle, o qual também sorria; já não era possível a dúvida.

Fez-se a luz no seu cérebro: Clotilde tinha ciúmes!...Madalena pretextou algumas ordens a dar e dirigiu-se à saleta, que achou vazia: precisava refletir.

Lembrou-se, então, que, havia algum tempo, Vernier a rodeava de mais atenções, às quais, de boa-fé, não ligara importância.

Agora, porém, que o ciúme de Clotilde lhe abrira os olhos, lembrava-se de que o olhar e a voz de Vernier eram mais ternos, quando a ela se dirigiam, e compreendeu!

Sorriso de supremo desprezo desprendeu-se-lhe dos lábios e, pouco depois, murmurou, tristemente:

-Ele só vê em mim a mulher que não lhe pertence!.... e ela?.... Lastimo-a, mas devia conhecer-me!.

E uma lágrima ardente rolou-lhe pela face e manchou-lhe a brancura do vestido: essa lágrima devia ser de sangue, pois há dores que ferem o coração!

Havia algum tempo que Madalena não estava só; alguém a contemplava e vira-lhe essa lágrima de angústia.

Era o visconde de Presle; procurando-a, e depois de passar por diversas salas, entrara ali, sem que ela o pressentisse.

Ele tossiu um pouco e adiantou-se; não obstante notar certo sobressalto em Madalena e a atitude desdenhosa que tomara no vê-lo:

-Minha senhora, disse, vinha pedir-lhe uma valsa.

-Não valsarei mais esta noite; estou fatigada!

-No entanto, acaba de valsar.

-É por essa razão que me sinto cansada!

-Ou será por que o par não lhe agrada? inquiriu ele, ironicamente.

Olhando-o fixamente, Madalena redarguiu:

-E, quando assim fosse? que direito lhe dei eu para se atrever a dirigir-me semelhantes palavras?!

-Nenhum, disse ele, porém, quando as mulheres concedem a alguns aquilo que aspiramos, temos do direito de reclamar o nosso quinhão! Os Vernier e Rochefort não valem mais do que eu!

A Sra. de Lussac, pálida, com os olhos cintilantes, fremente de indignação, bradou:

-Os Vernier e principalmente os Rochefort não mancham as mãos com cartas anônimas e não caluniam, por despeito! Bem vê que adivinhei de onde partia aquela prova de covardia e baixeza! Retire-se da minha presença! Compreendo agora, porque ria-se ainda há pouco!

E, trêmula, deixou-se cair sobre o divã.

O visconde a ouviu, alucinado, passando de excessiva vermelhidão à palidez cadavérica.

Recuou até a porta, com desvairado olhar: dir-se-ia um morto que, por um processo de galvanismo[13], estava a retrogradar ante essa soberana mulher, que lhe mostrava a saída!

Ai chegando, amparou-se um pouco e desapareceu.

Logo depois, Madalena, ainda pálida, entrava no salão e o baile continuava animado.

Uma hora mais tarde, ouviu-se alvoroço e vozes que pediam um médico.

Madalena correu pelo meio da multidão e dirigiu-se à sala de onde partiam os gritos, que era a mesma onde estivera pouco antes.

---

[13] Fenômenos relacionados com a geração de correntes elétricas por meios químicos. Termo deriva do nome do físico que descobriu o processo, Luigi Galvani (1737-1798).

Vendo-a, os convidados abriram caminho e ela se achou junto ao enfermo, - o visconde de Presle, que jazia, inanimado, no chão.

Madalena pediu que o transportassem para o contíguo aposento, que era o seu boudoir, e o deitassem em uma espécie de leito à turca[14].

Trazendo um frasquinho com sais, fazia o enfermo aspirá-lo, ajoelhada, junto a ele; esquecera as ofensas diante de um moribundo.

Pouco a pouco os convidados foram saindo; e meia hora depois, só Madalena, o marido e o médico Dr. D'Auriny estavam junto ao doente.

[14] A cama turca, espécie de sofá sem braços que serve para descansar ou dormir, dá o toque oriental tão em voga na época em que foi escrito este romance.

IX

Havia um mês que o visconde se achava em casa da Sra. de Lussac e havia um mês que agonizava, sempre socorrido pelo Dr. D'Auriny, particular amigo de Madalena, a quem conhecia desde a infância.

Era o doutor um destes homens para quem a ciência equivale a um sacerdócio e o coração humano a um livro aberto.

Ele vira, muitas vezes, na dor física a dor moral e mitigando esta, conseguira sanar aquela.

Tinha cinquenta anos e uma dessas fisionomias leais e atraentes, cuja vista nos acalma as dores e impõe-nos a confiança.

Na comoção cerebral do visconde de Presle descobrira ele uma causa moral gravíssima e disse-o à Sra. de Lussac.

Esta se constituiu enfermeira do doente; somente quando o cansaço a obrigava a repousar um pouco, fazia-se substituir por Marta, sua ama, que a acompanhara sempre e que lhe servia de criada, de mordomo, de tudo enfim, idolatrando e zelando como cão fiel, tudo quanto lhe tocava.

Durante este mês, em que a ciência lutara com a natureza, Madalena ouviu muitas vezes o seu nome pronunciado, com paixão, no delírio da febre, tendo assim certeza de não ser estranha ao acidente, que prostrara o visconde.

Quando o sono febril era substituído por fatigante vigília, ela o via, como querendo mover os lábios, sem dúvida, para lhe agradecer.

Com triste sorriso, impunha-lhe silêncio e lembrava-lhe as prescrições do médico.

Outras vezes, ela observava aquele olhar fatigado, seguindo-a para onde se dirigia e umedecendo-se de lágrimas.

Infinda compaixão apoderava-se de sua alma e lamentava-o!

O visconde de Presle, antes de ver Madalena, era um perfeito dândi; gasto, perverso, e considerando-se o único capaz de chamar a atenção.

Como todos os corações vazios, era egoísta e julgava que o mundo e os prazeres lhe pertenciam.

Acostumado a imperar na imaginação das mulheres, achava-se irresistível.

Conheceu Madalena e admirou-a acima de todas; achando-a, porém, indiferente à sua pessoa, sentiu-se despeitadíssimo e, incitada por esse sentimento, tomou sua paixão imensas proporções.

Ele não podia compreender por que essa mulher, esplendidamente bela, não o amava, a ele, o homem da moda, o leão dos salões, o terror dos maridos!

Todas as frontes femininas empalideciam ao vê-lo, ou demonstravam, de qualquer modo, quanto o achavam belo.

Madalena fitava-o tranquila, sem que uma nuvem sequer turvasse a limpidez do seu olhar soberano!

Era isso desesperador para o visconde; parecia-lhe um desafio, tanto mais que ele se sentia abaladíssimo, e sobretudo apreciava o sentimento bestial, que sempre o dominara, ignorando todos os martírios, que têm sido como uma apologia do amor!

Como louco, dirigiu-se à moça e, sendo repelido, jurou vingar-se.

Não tendo moral, não podia crer que aquele desprezo fosse filho da honestidade, mas, unicamente, da preferência dada a outro homem.

Lançou, então, mão de um meio vil para se vingar, escreveu a carta anônima ao Sr. de Lussac.

Vimos com que precisão Madalena calculou ser ele o autor de semelhante indignidade e como exprobrou-a em face, nesta noite do baile.

Mas, os desdéns da Sra. de Lussac só serviram para agravar o desespero dessa abismadora paixão.

Ele a queria ver em seus braços, à custa de todas as infâmias possíveis; embora ela o esmagasse com seu eterno desprezo.

O despeito fizera-o transpor os limites da exaltação: estava nos domínios da loucura.

No baile em que Madalena estivera deslumbrante de formosura e graça, ele sentiu que lhe fugia a razão.

Vendo-a desdenhosa e a valsar com Rochefort e Vernier, insensato ciúme mordeu-lhe o coração e com a percepção própria dos ciumentos, observou que igual espinho feria a Clotilde e aprovou-lhe as frases irônicas, as quais, sem mesmo as ouvir e só pelo malicioso sorriso, que as acompanhava, Madalena perfeitamente adivinhou.

O desvairado caluniador ofendia, conscientemente, a essa encantadora mulher, pela qual rojaria no lodo dos mais hediondos crimes!

Depois, trocara com a Sra. de Lussac as expressões ásperas que relançamos no precedente capítulo, e, humilhado, corrido, desesperado, recuara ante ela e perdera-se entre os convidados.

O aniquilamento de todas as esperanças despedaçava-lhe o coração e, operando uma revolução em todo o seu ser, acabou por uma congestão cerebral.

A paciência de Madalena e o saber do médico conseguiram arrebatá-lo à morte e, agora achava-se melhor, se bem que em melindroso estado.

X

Tudo quanto Paris possuía de mais elegante e aristocrático, se havia refugiado no campo, pois aproximara-se o verão.

Somente Madalena se conservava ainda em sua casa do bulevar Malesherbes, por causa da enfermidade do visconde de Presle.

Fizera, porém, com que Leontina partisse para a sua deliciosa habitação, em Auteuil, onde ela iria ter, logo que o moço se restabelecesse.

A Sra. d'Aubry ficara, acompanhando-a, mas o Sr. de Lussac retirou-se também para Auteuil, não podendo suportar o calor, nem deixar os companheiros de jogo, aos quais aí deu hospedagem.

Cerca de três da tarde, e estando quente o dia, Madalena, à negligée[15], com peignoir de finíssima cambraia e laços cor de rosa, sentara-se junto à uma janela, cujas cortinas davam agradável sombra.

O sol brilhava por toda a parte, fazendo exalar o cheiro ativo da vegetação do jardim; os insetos zumbiam por entre as flores: era a hora convidativa da sesta.

A moça contemplava, languidamente o visconde que, então, dormitava: viu aquela fronte alva como o lírio e pendida sobre o azul das almofadas.

O abatimento dava à fisionomia do enfermo uma compungente doçura e cercava-a dessa suave e melancólica poesia, que preside à cabeceira dos doentes, povoando-lhes os sonhos de fugitivas imagens.

---

15 À vontade, em francês e itálico no original.

E Madalena compassivamente lastimava a falta de sentimentos desse moço, que poderia ser digno e fazer a ventura de outra mulher e assim satisfazer, ao mesmo tempo, o coração e a sociedade.

Depois de se agitar um pouco, abriu o visconde vagarosamente os olhos, percorreu com a vista o quarto e, deparando com Madalena, sorriu tristemente.

-Minha senhora! disse ele.

-Não fale! o médico ainda não o consentiu! replicou a moça.

-Sinto-me muito melhor e, por isso, consinta que, ao menos, lhe agradeça tudo que por mim tem feito....

-Por quem é, visconde, disse ela, o que fiz é tão vulgar que...

-Não!....É natural a um coração como o seu, fazer bem a seu semelhante, porém é sublime e santo velar à cabeceira de um inimigo.....de um miserável, que a ofendeu mortalmente!....

-Visconde, não se exalte, pode piorar!....Eu tudo esqueci!

-Oh! não é só preciso esquecer, mas sim perdoar!...perdoa-me?

Madalena, pálida, triste, correu ao leito, estendendo a nevada mão, e murmurando, com olhar compassivo:

-Perdoo-lhe do íntimo d'alma!

-Oh! Deus! deveis existir, pois que eu ouço estas palavras!

E o moço, comprimindo a fronte, chorou ruidosamente.

Consolou-o a Sra. de Lussac, deixou-o chorar um pouco, a fim de aliviar o peito opresso e deu-lhe depois a poção calmante, que ele costumava tomar.

O visconde pediu-lhe que se sentasse mais perto e, enxugando as lágrimas, disse, a contemplá-la:

-Madalena!...

E estancou, como admirado e ao mesmo tempo satisfeito de tratá-la assim; depois prosseguiu:

-Consinta que assim a chame e ouça-me, por piedade: de hoje em diante, poderá ouvir-me, estou transfigurado.

Antes de a ver, eu era um desalmado, um ente sem fé, nem lei, duvidando de tudo!

Via-a, e voraz paixão escaldou-me o peito. Julguei-a igual às outras e ousei dirigi-me à senhora. O seu desprezo exasperou-me e levou-me às indignidades que conhece. Eu a seguia, como a sombra ao corpo e sabia de tudo quanto havia feito a Rochefort; no entanto, tive a vilania de acusá-la, indignamente, por causa desse mesmo homem....Como vê, estava louco e enfurecia-me por me sentir preso, fascinado pela sua imagem! Perdoe-me, mas, se me houvesse amado, talvez me fizesse bom; pois, hoje, creio na existência de criaturas que reabilitam e cujo contato regenera!....

Quando perdi os sentidos, estava em horrível estado, porém, depois de voltar a mim e de ter consciência do que se passava; quando, enfim, a luz se fez em meu espírito e via-a bela, compassiva, tratando-me e desvelando-se por mim, senti na alma imenso abalo e parece-me que ia morrer!....Creio que, outra vez, perdi os sentidos, pois ao despertar, via-a aflita, chorando sobre mim!

Oh! Madalena! as sus lágrimas salvaram-me, fazendo-me outro homem, porém, mil vezes mais desgraçado!....Essas lágrimas caíram-me sobre as mãos e sorvi-as com beijos idólatras! Hoje, amo-a mais que nunca, pois, só, agora, sei amá-la, como merece: amo-a, sem ideia alguma terrestre; amo-a, como um dogma, como a virtude,

encarnada na beleza! Por Madalena serei um homem de bem e saberei morrer, se for preciso!

Não se ofenda com este afeto: é veneração! Veja com que calma a contemplo e como tranquilo bate o meu pulso! A minha paixão está sob o império da alma e esta se purificou, pois teve também o seu martírio. Creia, Madalena, que o sofrimento em uma alma pervertida é imenso, pois aumenta na razão direta da profundidade do abismo, onde se gerou.

Doravante, será para mim um ídolo, um incentivo para o bem! Considere-me como o filho pródigo e ampare-me, a fim de me dar alento! Madalena, então, não me desprezará, não é verdade?

A Sra. de Lussac tinha-se conservado muda, desde que o moço principiara a falar.

Vendo a veemência da sua linguagem e a sinceridade, que a ditava, levantou os formosos olhos e ouviu, sem o interromper.

Às últimas palavras, duas lágrimas suaves, como a tristeza, que lhe enchia o coração, rolaram por suas pálidas faces e, meigamente, disse:

-Tranquilize-se: ao perceber essa mudança nos seus sentimentos deixei de o desprezar; e, com tantos dotes físicos e intelectuais, por que não procura elevar suas qualidades morais à altura desses dotes?! É tão jovem, deve ter muita seiva no coração e procurar no mundo uma mulher, que lhe dê plena felicidade, em troca dos seus afetos!

Escutava-a o moço satisfeito e submisso, porém, à essa última frase, abanou levemente a cabeça e disse:

-É impossível amar outra vez assim! Porém, votando-me ao celibato moral, conservar-me-ei digno, a fim de merecer sua estima!

-Bem, disse Madalena, o tempo terá o poder de lhe modificar as ideias; mas, quando mesmo careça de votar sua alma ao isolamento, seja digno, por amor de si próprio e há de ver, então, quanta satisfação sentirá!

Quando o médico veio visitar o doente, notou que uma comoção qualquer o agitara e logo concluiu que a sua sensibilidade fora vivamente excitada.

Então Madalena lhe contou que o visconde falara e se comovera, chorando, abundantemente.

O Dr. D'Auriny achou essas lágrimas providenciais, porque conjuraram uma crise nervosa, que ele temia desde a véspera.

XI

Desde o dia, em que a Sra. de Lussac, perdoara ao visconde, este melhorava, sensivelmente, e um mês depois, retirou-se à sua casa, pois via que a sua estada no boulevard Malesherbes impedia a ida de Madalena para o campo.

Otavio de Presle tinha sempre no coração a imagem de Madalena; porém, a paixão brutal que o dominara, fora substituída por um amor cavalheiresco, dedicado e respeitoso.

Tanto é verdade que as paixões nos elevam ou rebaixam, conforme o ente que no-las inspira!

Madalena, com a sua alma elevada e honesta, impôs-lhe o respeito, um culto mesmo, e infundiu a crença da virtude e de tudo que é digno nos sentimentos desse rapaz perverso e corrompido, vindo assim esse amor, que o torturava, a ser a sua própria salvação.

Logo que ele se restabeleceu, foi para Auteuil, onde já estava a Sra. de Lussac e lhe mandara preparar aposentos.

Todos notavam diferença no modo porque o moço se expressava sobre certos assuntos melindrosos, em que, outrora, se expandia isenta a sua mordacidade.

Suave e continua melancolia amenizava-lhe o semblante, sempre belo: tinha, então, o encanto dos entes que aprecem sofrer.

Quando dizia qualquer coisa ou praticava uma ação que merecia o sorriso de Madalena, exultava de alegria e nenhuma outra recompensa teria mais valor a seus olhos.

Contara a seus íntimos como a moça se desvelara por ele, e esses estroinas que, apesar de extravagantes tinham-na muitas vezes

defendido, quando o visconde a caluniava, acharam-na ainda mais formosa pela sublimidade do seu coração.

A vila da Sra. de Lussac, em Auteuil, era esplêndida e encantadora, como digna habitação dessa linda mulher: o templo deve lembrar a deusa.

Além de muito grande, era adornada com incomparável bom gosto e, pela sua caprichosa disposição, tornava-se ainda mais notável.

Dividia-se em diversos pavilhões, comunicando-se entre si por pequenos corredores, todos envidraçados, simulando estufas e cheios de belas flores de diversos países.

Madalena dispusera tudo de modo que as salas principais se ligavam por essas interessantes passagens.

Visto exteriormente, o conjunto desses pavilhões formava um círculo e ficava no meio de grande e belo parque.

As relações de Paris frequentavam-lhe a casa do mesmo modo; somente, no campo, punha-se de parte a etiqueta e divertiam-se deveras.

Madalena, satisfeita, tendo sempre a seu lado Leontina, que a idolatrava sinceramente, pela manhã, passeava com ela, de mãos dadas, em arrebatador desalinho, pelas alamedas dos jardins e pelas ruas arborizadas do parque.

Voltavam risonhas, um pouco fatigadas e com devorador apetite, e então reunidas aos numerosos hóspedes e alguns vizinhos almoçavam, e depois conversavam, jogavam, tocavam piano ou ouviam alguma leitura.

No meio de qualquer desses entretenimentos, se o tempo estava bom, propunham algum passeio, que era aceito sem réplica, e

lá iam, uns a cavalo, outros de carro, admirar uma ou outra paisagem ou percorrer somente o parque.

O visconde sempre ia junto de Madalena ou de Leontina, a quem já estimava como a amiga que a Sra. de Lussac amava, como irmã.

Alguns dias depois, houve grande jantar e à noite baile, a fim de festejar o aniversário natalício de Madalena.

Seriam quatro horas da tarde e ouvia-se a leitura que, nesse dia, era feita por Rochefort, quando o criado anunciou o senhor e a Sra. Vernier.

Madalena ergueu a fronte e um raio de alegria passou rápido pelo seu formoso rosto, porém, entre séria e cortês, dirigiu-se ao encontro de Clotilde, que se adiantava, com sorriso forçado e um pouco enleada[16].

-Que agradável surpresa, Clotilde! Há tanto tempo não a via! disse a Sra. de Lussac.

-Antes de vir para o campo, deixei-lhe o meu cartão de despedida, visto não me poder receber. Hoje, Vernier me lembrou que a devíamos ver.

-Eu preferia que a lembrança partisse de você, mas a amizade não se impões! Agradeço, Sr. Vernier, o ter lembrado a sua senhora que, hoje, devia-me uma visita.

E, com triste sorriso, Madalena olhou para o visconde de Presle, que, extremamente pálido, mordia os lábios, sentindo remorsos de ter, nessa noite do baile, no bulevar Malesherbes, aprovado as ironias de Clotilde e sofrendo por não poder dizer, na presença de todos, quem era Madalena.

---

[16] Embaraçada, confusa, perplexa.

Em seguida, a conversação tornou-se geral e alguns amigos mais vieram cortejar a Sra. de Lussac.

Depois de opíparo jantar, os convidados espalharam-se pela casa e pelos jardins, em diversos grupos.

Às dez horas, as moças reuniram-se, prontas para o baile, no salão, a fim de receber os convidados.

Madalena trazia longo vestido de veludo preto, flores escarlates pelo colo e na cabeça; esse traje realçava a sua provocadora beleza, porém o semblante estava melancólico.

Clotilde, ansiando por lhe falar, chamou-a e fê-la sentar-se a se lado.

-Madalena, disse, com certo enleio, sei que trataste, com desvelo, ao visconde de Presle; toma cuidado! é um rapaz perigoso! Demais, tenho certeza de que maldizia de ti; no entanto, há pouco, colocou-te acima das nuvens! Isto me faz desconfiar de que ele pretende tuas boas graças e talvez se anime, por te ver menos reservada!

Madalena cravava o olhar franco e límpido no rosto perturbado da moça e estudava o que lhe ia n'alma.

Quando Clotilde cessou de falar disse:

-Eu sabia, de há muito, o que o visconde dizia a meu respeito; desprezei sempre a calúnia; tratei-o, como se fosse meu irmão, ao vê-lo à beira do túmulo; e durante a convalescença pediu-me perdão!

Clotilde, avidamente, a escutava, parecendo interrogá-la com o olhar.

Madalena prosseguiu:

-Perdoei-lhe de coração e ele, arrependido, regenerou-se.

E, sorrindo dolorosamente, acrescentou:

-É assim que me vingo!

A Sra. Vernier corou, e, não podendo encarar Madalena, baixou a fronte perturbada.

A Sra. de Lussac levantou-se, e, acenando ao visconde de Presle, disse-lhe, logo que este se aproximou:

-Toquemos, a quatro mãos, as sonatas de Beethoven.

O moço, com a fronte radiante, colocou-se ao piano; tocaram admiravelmente.

Clotilde os contemplava, presa de indizível mal-estar, desde que ouvira as palavras de Madalena.

XII

O baile começou, logo depois de terminarem as sonatas.

Eram magníficas as festas da Sra. de Lussac; muitos se empenhavam por um convite.

Além da seleção da sociedade e da animação e variedade do serviço contribuírem para esse esplendor, Madalena, com a sua admirável finura, tinha o engenho de só reunir em seus salões mulheres bonitas, o que é raro.

Às duas horas da manhã, ela estava fatigada, porque dançara sempre, a ver se fugia à assiduidade de Vernier; essa imposição, feita à sua natureza, torturava-a.

Por momentos, fremente indignação urgiu-lhe n'alma e tinha, então, ímpetos de dizer à Clotilde tudo o que lhe ia pelo cérebro e assim desabafar-se; mas a educação e a sociedade lh'o vedavam!

Tendo acabado de dançar, deixou-se cair sobre uma cadeira, junto à janela e, com o seio ofegante e o olhar amortecido, entregou-se à fadiga.

Aproximou-se Vernier e disse-lhe despeitado:

-Serei mais feliz desta vez ou ainda terá par?

-Creio havê-lo indenizado da grande desgraça de não dançar comigo, dando-lhe pares encantadores. Como dona da casa, já dancei demasiado! disse a moça, a sorrir.

-Oh! minha senhora! se não fosse a sua proverbial amabilidade, eu julgaria essa recusa um firme propósito de não dançar comigo!

-Ora, Sr. Vernier, somos conhecidos velhos e essas puerilidades não podem existir entre nós. Vou dar-lhe um lindo par.

E, erguendo-se, foi até junto de Leontina e trouxe-a para o lugar, onde Vernier a esperava.

-Leontina, dançarás por mim com este senhor e trata de o encantar, com teu espírito.

-Senhor, disse a moça, embora em nada possa substituir a Madalena, farei tudo para não o aborrecer.

Vernier, disfarçando a sua contrariedade, procurou ser amável com a gentil criatura, que se encarregara de o distrair.

A Sra. de Lussac, pouco depois, viu passar Clotilde, a sorrir-lhe amigavelmente; todo o sangue lhe afluiu ao coração, teve força para sorrir, também; porém era tão forçado aquele sorriso, que parecia irônico.

Ela ia levantar-se, quando avistou o visconde de Presle com a fisionomia decomposta, a dirigir-se para seu lado.

Funesto pressentimento apertou-lhe o coração.

-Madalena, murmurou ele, preciso falar-lhe, hoje, sem falta.

-Logo, que todos se retirarem ou já?

-Logo, disse ele; posso esperar.

-Mas o que tem: inquiriu ela, aflita.

-Mais tarde, lhe comunicarei, respondeu o visconde e saiu da sala, pálido, aniquilado.

Febril impaciência apoderou-se da Sra. de Lussac: ela desejava poder despedir, enxotar mesmo os seus convidados.

De repente levantou-se: uma ideia iluminara-lhe o cérebro, correu à uma sala, onde havia um magnífico mostrador e vendo que

ninguém aí estava ou podia observá-la, adiantou-o, de modo a marcar três e meia horas da manhã.

Com pouco, os convidados retiraram-se e os hóspedes se recolheram aos aposentos.

Madalena, ansiosa, esperava o visconde no imenso salão deserto; não o faria com mais interesse, se o amasse; tendo-o porém regenerado, estimava-o cordialmente e ardia por vê-lo feliz.

Alguns minutos depois, o visconde entrou: encaminhou-se para a moça, sentou-se a seu lado, fitou-a longamente e, com voz abafada, disse:

-Deus não quer que eu viva!

A Sra. curou-me, regenerou-me; é o único ente a quem tudo devo confiar!....Quem chegou ao meu aviltamento, embora se arrependa e obtenha o perdão dos homens, recebe de Deus o castigo! Madalena, a senhora foi o único amor de minha vida, o único ente superior, que me falou e por isso bem compreende quanta paixão lhe votei!

Amei-a, como Satanás pode amar a eterna salvação, e, como ele, duvidei, neguei-a e quis maculá-la com o meu contato; mas a Sra. com sua alma divina mostrou-me o dever e regenerou-me, fazendo-me outro! Perdoou-me e até me estima; o céu, porém, me castiga!....

Quando, cheio de despeito, vi que nunca me atenderia, entreguei-me louco às conquistas de salão. A que se tornou mais visível foi a da senhora de Vernes. O marido estava ausente, e ela foi assaz leviana em crer em mim!....Eu só me lembrava dela, quando a via, porque em meu pensamento tinha unicamente outra imagem, a sua Madalena!....Adoeci e ao levantar-me do leito de dores, era outro

homem: senti-me um pouco feliz e tencionava viver para gozar a vida, inteiramente nova, que se me apresentava!....

Aqui, hoje, no baile, compareceu o Sr. de Vernes: vejo que veio somente com o fim de me encontrar! Eu me havia sentado à mesa do jogo para comprazer com o Sr. de Lussac; o Sr. de Vernes tomou logo as cartas, principiando a jogar; eu o não conhecia; às suas primeiras palavras, todos perceberam que me provocava; e, ao ouvir-lhe o nome pronunciado por um dos parceiros, tudo compreendi! Com incrível prudência, aturei tudo quanto era possível, sem me menosprezar, mas chegou ao ponto de me obrigar a aceitar o seu desafio. Depois de amanhã, nos batermos às seis e meia da manhã, no bosque de Vincennes[17] e o pretexto aparente é o jogo.

Oh! como sou castigado! Bater-me por uma mulher, por quem nunca pulsou meu coração e que apenas era um instrumento para me atordoar! Mísero!...Não sou covarde, mas, agora, a vida me era preciosa.

Madalena! sei que chorará por mim; mas o tempo tudo consome e a minha lembrança também se apagará no seu espírito! Lembre-se de mim, lembre-se de que fui muito desgraçado e que a Providência não quer que eu goze esse perdão que de seus lábios ouvi!....Os senhores de Lussac e Rochefort serão minhas testemunhas. Amanhã, seguiremos para Paris, onde porei em ordem

---

[17] A cidade de Paris tem parques, jardins e dois bosques. O de Vincennes situa-se a leste, era uma parte do antigo bosque do castelo do mesmo nome e foi desenhado na segunda metade do século dezenove tendo como modelo os parques ingleses. Foi declarado parque público a partir de 1860. A oeste da cidade fica o bosque de Bolonha, remanescente de antiga floresta de carvalhos e aberto ao público em 1852.

os meus papéis. Madalena! se o meu ferimento for grave peço-lhe que vá à minha cabeceira, para que a veja, ainda uma vez!

Ouviu Madalena todas estas palavras, procurando ocultar a emoção que a dominava, e afinal reassumindo o habitual sangue frio, confortou-o, prometeu ir vê-lo, pediu que fosse repousar e despediu-se, cobrindo-lhe Otávio as mãos de beijos e lágrimas, e seguindo-lhe o vulto

XIII

No dia seguinte, às oito horas da manhã, os senhores de Lussac, Rochefort e o visconde de Presle subiram para o carro, que os devia conduzir à Paris.

Madalena, que não dormira, ergueu a cortina da janela, a fim de os ver partir; notou que o visconde, pálido, mas sereno, contemplava, como a se despedir, tudo que o cercava: uma lágrima rolou pela face da moça.

Logo que perdeu de vista o carro, vestiu o traje de viagem e ordenou que, ao meio-dia, estivesse pronta a carruagem para a conduzir à Paris, e, para aí se dirigiu, acompanhada unicamente de Marta, depois de comunicar à Sra. d'Aubry a razão da partida.

Chegando à Paris repousou um pouco, no palacete do bulevar Malesherbes; em seguida precisando sua alma agitada dessa paz suave, que se encontra junto aos altares, encaminhou-se a uma igreja, onde orou, com fervor e, depois de derramar abundantes lágrimas, caiu em dolorosa meditação, conservando-se por muito tempo nesse estado de torpor.

Vendo que já era tarde, ergueu-se e saiu do templo, mais tranquila: era a hora do crepúsculo e a tarde estivera linda.

O visconde de Presle não perdera o tempo.

Logo que chegou, descansou uma hora, banhou-se, almoçou tranquilamente e passou depois ao seu gabinete.

Abriu a secretária, leu todos os papéis; queimou os que julgou inúteis, deixando alguns amarrados e com dístico.

Escreveu uma carta longa e, muitas vezes, interrompeu-a para enxugar as lágrimas, que lhe impediam de ver o que escrevia.

Ao terminá-la, pôs o endereço à Sra. de Lussac.

Depois, escreveu com mão firme o seu testamento e saiu, a fim de o entregar ao tabelião.

Foi-lhe preciso imensa força de vontade para se dominar e não se comover, ao olhar de doloroso interesse, que lhe lançou o velho funcionário.

Era este um homem respeitável e amigo de seu pai.

Voltando o visconde para casa, saiu para se dirigir ao boulevard Malesherbes, a fim de jantar com Lussac e Rochefort e conferenciar sobre o duelo.

Não contava com Madalena e ficou admirado, ao avistá-la.

-Surpreende-se por encontrar-me? Disse ela.

-Não, Madalena!....Quanto é boa!

-Mas, não lhe havia eu prometido vir?

-É verdade; porém, não ousei esperá-la aqui, hoje!

-Vim para estar mais perto e alegrá-lo, disse ela, sorrindo, sem que entretanto a alma participasse daquele contentamento, que aparentava.

O visconde mostrou-se jovial, sem afetação; na verdade, batava a presença de Magdalena para o tornar feliz.

Depois do jantar, Rochefort lhe perguntou que armas preferia, visto o Sr. de Vernes lhe ter deixado a escolha, por ser ele o ofendido.

O visconde escolheu a espada; Rochefort foi entender-se com as testemunhas do Sr. de Vernes.

O moço esteve muito tempo junto de Madalena e despediu-se, comovidíssimo.

Ela teve a coragem de lhe dizer, a sorrir:

-Espero-o, amanhã, à noite, visconde!

Ele sorriu tristemente, beijando-lhe a mão.

Otavio de Presle não procurou exercitar-se, antes de se recolher ao leito, porque jogava perfeitamente as armas e todos os dias esgrimia, durante uma hora.

Sentindo necessidade de repouso, impôs silêncio até às suas preocupações e dormiu.

No dia seguinte, às seis horas da manhã, parava uma carruagem, em uma das ruas do bosque de Vincennes e o visconde de Presle, Rochefort e de Lussac saltaram dela, com o Dr. D'Auriny, que, de boa vontade prestou-se a acompanhá-los.

Pouco depois, outro carro, com o Sr. de Vernes e suas testemunhas estacava também à pouca distância.

Minutos mais tarde, colocavam-se os adversários um em frente ao outro.

Logo ao cruzar dos ferros, viram que tinham a mesma força e que só a fortuna poderia decidir da vitória.

O Sr. de Vermes, porém, manejava a arma com raiva e o visconde se defendia, com extrema serenidade.

Havia vinte minutos que combatiam, sem que nenhum estivesse ferido, quando o visconde, parando um bote terrível do adversário, retribuiu-o com mestria, tingindo-lhe o peito da camisa de sangue.

O Sr. de Vernes empalideceu ligeiramente, mas bradou:

-Posso continuar!

E, com desesperação, procurou ferir ao visconde.

Quis a sorte que o conseguisse; atingiu-o no pulmão.

O moço deixou escapar a arma; e desfalecendo, murmurou debilmente:

-Madalena!

De Lussac e Rochefort correram a levantá-lo e o Dr. d'Auriny se aproximou para o examinar; era grave o seu estado.

E Vernes, pálido, porém de pé, saudou a todos, entrou no carro e partiu.

-Os três amigos carregaram o visconde, deitaram-no dentro do carro e, lentamente, conduziram-no ao seu palacete.

O médico tomava-lhe o pulso e fazia com que ele pouco sentisse o abalo do trajeto.

Quando o puseram ao leito, o moço abriu os olhos e murmurou palavras inteligíveis.

O Sr. de Lussac, agitado, foi buscar a mulher.

Viu o Dr. d'Auriny que o visconde estava perdido, mas fez o seu dever: procurou prolongar-lhe a existência, e o obteve por algumas horas.

Depois de pensar a ferida, deu-lhe medicamento e o moço recuperou os sentidos.

Daí a nada, entrou Madalena, pálida, trêmula; aproximou-se do leito e apertou brandamente, a mão do moribundo.

Este entreabriu os olhos e fitou-a.

-Oh! Madalena!....acabou-se tudo! Disse.

-Não desanime; Deus o protegerá! respondeu ela.

Olhando para o médico, que se conservava à cabeceira do leito, e o vendo acenar com a cabeça, de modo desanimador, Madalena apoderou-se de imensa aflição.

O semblante do moço tornava-se de palor cadavérico e ele a olhava com medonha fixidez.

-Madalena! disse, há sobre minha secretária uma carta....que lhe dirigi....Atenda, por piedade, ao que nela lhe peço! Cuide de minha filha!

-Tem uma filha?

-Sim: na carta conto-lhe tudo. Morro feliz por vê-la chorar.

Promete cumprir o que lhe peço?

A Sra. de Lussac ajoelhou-se e, apertando a mão do moço, disse, com firmeza:

-Juro servir-lhe de mãe!

-Oh! obrigado, Madalena! exclamou ele, com alegria.

E depois, em dolorosa convulsão, murmurou:

-Perdão!....e morreu.

Madalena não podia desviar os olhos desse corpo inerte e dessa face contraída.

Chorou muito e, em suas orações, perdoou-lhe, lastimando-lhe a triste sorte.

E só retirou a mão, que o visconde conservava presa, quando a sentiu enregelada pelo contato da morte.

XIV

Um mês depois do falecimento de Otavio de Presle, Madalena, acompanhada pela Sra. d'Aubry, partiu para Genova, a fim de cumprir a promessa feita ao moribundo.

Na carta, que lhe deixara, o visconde lhe dizia que, seis anos antes de a conhecer, havia, em viagem à Itália, encontrado uma encantadora mocinha, a quem não tivera a generosidade de respeitar.

Desse amor passageiro nascera uma menina, que a mãe apenas beijara, porque morrera de desgostos, pouco depois do seu nascimento.

Ela o havia amado sinceramente e, nada tendo em retribuição, consumira-se de dor e de vergonha.

Sabendo do nascimento da menina e da morte da pobre mãe, a quem não soubera amar, o visconde voltara à Genova e entregara a filha aos cuidados de umas velhas parentas dele, deixando-lhes uma quantia que, todos os anos, renovava.

Inclusos nessa carta havia papeis, que tiravam a Sra. de Lussac de qualquer embaraço.

Pelas indicações precisas do visconde, facilmente Madalena chegou ao fim de sua peregrinação.

A viagem foi magnífica, porque a moça aproveitara o verão e satisfazia assim, mais cedo, a sua impaciência em abraçar essa filha, que a Providência lhe punha nos braços.

As velhas genovesas lastimaram a morte prematura do visconde e, lendo a carta, em que ele lhes explicava quem era

Madalena e que brilhante futuro esperava a filha, elas entregaram, chorando, a menina, que haviam criado.

Tinha Laura de Presle cinco anos e era o visconde em miniatura.

Madalena beijou, compassiva, orvalhado de lágrimas o rosto da inocente órfã.

A menina curiosamente a contemplava.

Chegando a hora da separação, a menina despediu-se das boas velhas chorando muito, mas mostrando uma docilidade e resignação superiores à sua idade, e que muito enterneceram a Madalena.

Regressando esta, procurou durante a viagem conquistar o coração da órfã; e chegando a Paris, com ela se dirigiu a Auteiul, por causa da estação calmosa, que ainda reinava.

Laura ia se afeiçoando a Madalena e deu-lhe um dia, o nome de mãe.

A Sra. de Lussac não querendo usurpar esse nome sagrado, que só pertence a quem nos dá o ser e a cujo amor nenhuma afeição se pode comparar, na terra, lhe disse, meigamente:

-Laura, tu me chamarás – Madalena.

A menina ria e brincava, porém conservava essa timidez, mesclada de desconfiança, que caracteriza os filhos sem mãe.

Madalena excogitava todos os meios de dissipar-lhe esse sentimento e de a equiparar às outras crianças, e, para isso, até tornava-se, às vezes, infantil a brincar com ela.

Com o tempo e a meiguice de Madalena, a orfãzinha efetivamente se transformou e adquiriu na fronte essa alegria puríssima, que é o enfeite da meninice.

Ouvindo-lhe as risadas e vendo-a brincar com desenvoltura, a mãe adotiva sentia a alma aliviada; parecia-lhe que, na eternidade, Otavio de Presle devia estar satisfeito: uma piedosa superstição, que a devia acompanhar toda a vida.

Um mês depois do seu regresso, Clotilde Vernier a foi visitar; e apesar de sentir certo constrangimento, não pode deixar de admirar a dedicação da moça pela órfã.

Ela era mãe e devia apreciar bastante a bela ação da outra; porém o ciúme, que ainda a devorava, não lhe deixava ver toda a grandeza daquele procedimento.

Os louvores que dirigiam à Madalena, que a todos mirificava[18], mostravam-na a seus olhos perigosa e não sublime.

A mísera não sabia que há entes superiores que inoculam a veneração e cujo prestígio físico é magnificado separadamente.

Se essa porção da alma de Madalena, que se deixava ver por suas boas ações, era só por si mais bela e mirável do que a sua egrégia formosura, o que seria a essência dessa mesma alma, que só pertencia ao sofrimento e a Deus?!

[18] Maravilhava; provocava espanto, admiração.

XV

Por causa da morte do visconde de Presle e em atenção ao luto de Laura, Madalena só admitia como divertimentos as caçadas, a leitura e as conversações.

A música e a dança foram banidas de Auteuil naqueles últimos meses; porém, mesmo assim, a sua casa continuava a ser o ponto de reunião de todas as pessoas distintas.

Em um desses belos dias, em que os velhos remoçam e a própria mocidade sente exuberância de vida, Clotilde, experimentando porventura influência indescritível, foi de novo visitar, mas desta vez com seu filho Artur, a Sra. de Lussac.

Esta ficou satisfeita por ver o menino, a quem muito queria e que se mostrou zeloso com a presença de Laura, da qual aliás em poucos minutos se tornou amigo, graças à meiguice dela e a intervenção de Madalena.

Saturada de perfumes, entrava a brisa pelas janelas convidando ao passeio, sob as grandes árvores: saíram todos para o parque.

As crianças, contentes, corriam e saltavam por todos os lados.

Havia no meio do jardim um grande tanque, com repuxo, onde nadavam, garbosos, dois casais de cisnes.

Artur, de insuportável travessura, tentou segurar um dos cisnes, e caiu, soltando agudíssimo grito.

Clotilde, aterrada, ficou imóvel; Madalena, porém, correu e tirou do tanque o menino desmaiado; tinha esse fraturado uma perna.

A Sra. de Lussac, aflita, pálida, sustendo nos braços esse rapagão de nove anos, foi depô-lo no leito, e correu a procurar ao Dr. d'Auriny que por felicidade, tinha vindo passar uma semana em Auteuil, a fim de descansar dos labores da sua profissão.

Achou-o na biblioteca e trouxe-o, contando-lhe o que sucedera.

O doutor examinou a criança e aplicou-lhe os meios que o caso exigia, assistindo Madalena a tudo e constituindo-se logo a enfermeira do menino.

Várias vezes, nessas horas perdidas da noite, em que Madalena, lendo ou cismando, velava junto ao enfermo, Clotilde, deitada à instâncias dela para repousar um pouco, sufocava os soluços, que a oprimiam.

Sentia o remorso pungir-lhe a alma, vendo o que a moça fazia por Artur; mas, achando-a tão formosa, de beleza tão provocadora, e não podendo por isso esquecer quanta impressão ela devia causar, mordia-se de novo de vivo ciúme, que em vão tentava sopitar.

Entretanto, a Sra. de Lussac, sempre que Vernier vinha ver o filho, achava um pretexto para sair e só voltava, quando o via no salão, e o seu proceder era em tudo o mais irrepreensível.

Ela adivinhava o que sentia Clotilde, e, muitas vezes, enquanto esta dormia, olhava-a com infinda piedade.

Uma noite, em que um acesso de febre prostrara a criança, Madalena, depois de lhe dar um calmante, sentou-se à beira do leito.

Artur deitou a loira cabeça nos joelhos de sua amiga e adormeceu: Clotilde, triste, comovida, contemplava aquele quadro.

O procedimento de Madalena não tinha por fim captar-lhe as boas graças, porque nunca procurara um sorriso da mãe, dispensando seus desvelos ao filho.

Aquela alma, que abrigava a órfã e perdoava aos inimigos, tinha muita nobreza para aliar a caridade com o interesse!

Seu fim, seu móvel era fazer bem, que, segundo diz um mimoso escritor, não é mais que o belo, posto em ação, e cuidar do menino, a quem tanto queria!

Este pensamento atuou uma noite tão fortemente sobre o cérebro de Clotilde, que esta não podendo vencer-se, disse, timidamente:

-Madalena?!

A Sra. de Lussac ergueu a fronte e fitou no rosto pálido e orvalhado de lágrimas da moça o seu olhar profundo.

-Que queres, Clotilde? Sofres? inquiriu, deitando o menino no travesseiro e encaminhando-se para a Sra. Vernier, que tinha os olhos baixos e se mostrava constrangida e embruscada[19].

Madalena sorriu tristemente e em voz pausada lhe exprobou:

-Ainda não é tempo, talvez, Clotilde: ainda tens dúvidas!

Madalena! tu sabias?! tu adivinhaste o que eu sentia? bradou a moça, anelante e pondo-se de pé.

-Sei o que tens sofrido; e se perdoo a injúria da tua suspeita, é em atenção ao amor que votas a teu marido!

-Oh! Madalena! perdoa-me! fui louca!

-Não, Clotilde, eu tinha direito de parecer mais digna aos teus olhos!....Há sido muito revolvido o meu coração para poder, hoje, ler o que se passa no dos outros. Posso mostrar-te todas as

---

[19] Carregada, sombria, anuviada.

fases, porque o teu tem passado! Sabia o que sentias e lastimava-te: quiseste muitas vezes beijar-me em atenção ao teu filho, porém a imagem de teu marido sempre se interpunha entre nós; e, asseguro-te, sem haver motivo, ao menos de minha parte! Se o Sr. Vernier te esquecesse, o que me parece impossível, e ousasse erguer as vistas para mim, tu me devias conhecer bastante para nada receares! Entretanto, assim não sucedeu! Teu marido nunca me disse uma inconveniência; e eu, concluiu ela com certa altivez, tenho uma alma honesta!

-Perdoa-me! repetiu Clotilde, enrubescendo e baixando a fronte.

Deixou-se Madalena cair sobre o divã, em que fez sentar-se a Sra. Vernier e, contemplando-a, por algum tempo, com olhar sombrio, acrescentou:

-És bastante inteligente para teres compreendido quanto padeço, apesar da força de vontade com que oculto a minha desventura! Vou relatar-te a minha vida, ouve-a e fica-me conhecendo bem para o futuro.

XVI

Madalena reclinou a fronte em sua nívea mão e cerrou as pálpebras, parecendo coordenar as reminiscências.

Uma lágrima, fria e límpida com a gota de orvalho a deslizar pela face de uma estátua, desprendeu-se dos longos cílios a embeber-se nas rendas do vestido.

-Nasci, trazendo a alegria à uma família inteira, mas, em breve, essa alegria se devia transformar em desespero e pranto! Minha mãe, cuja saúde era delicada, nunca mais se restabeleceu por me ter dado à luz, e finou-se como flor mal desabrochada. Nem o amor infinito de meu pai pode disputá-la à morte, sôfrega de tão bela presa!....

Tinha eu dois anos, quando ela me beijou pela última vez! Esse beijo impregnado de amor, eu o sinto ainda na fronte! Fiquei nessa idade, sendo tudo para meu pai: fui o seu ídolo! Amou-me como se ama uma filha única, imagem e parte da mulher muito amada, e educou-me, interessando-se por tudo, que me dizia respeito. Tive feliz infância e, quando vieram os sonhos de ilusão afagar-me a fantasia de donzela, entreguei-me a eles, com todo o entusiasmo de que era capaz.

Luciano d'Ormieux, meu tio, votava-me afeição de pai e eu vivia feliz entre esses dois velhos, que me adoravam, disputando o prazer de me acompanhar e sentindo-se zelosos do afeto, que me consagravam.

Costumando sair todas as manhãs, à cavalo, a par de ambos, encontrava um encantador e distinto rapaz, a quem minha

imaginação de moça emprestava todos os requisitos, que seduzem a alma.

Esse herói de meus sonhos brandamente se foi apoderando do meu espírito, pela assiduidade de nossos encontros, e conclui, bem como meu pai, que ele acinte[20] me procurava, vindo, infelizmente, o tempo a mostrar essa verdade.

Pouco depois ele nos foi apresentado e assim fiquei conhecendo Raul de Lussac.

Em um baile, confessou-me o seu amor, voraz, imenso; todas as suas palavras gravaram-se, indelevelmente, em minha alma enternecida; amava-o e amei-o, com delírio, com idolatria, com infinda ternura; e seis meses depois, com ele casei-me e parti para a Itália.

Posso afirmar que quase nada sei do que lá existe, porque só via a Raul e entregava-me, inteira, ao sentimento profundo, que me abrasava toda!

Era ele um homem belo, dessa fatigada e emurchecida beleza, com que a imaginação adorna os poetas; e foi tão funda a impressão que me causara, logo ao primeiro encontro, que ainda durava ela muito depois de nosso casamento.

A inteligência superior fazia-lhe abranger tudo e sua linguagem atraente proporcionava-me horas da mais agradável conversa.

Viajei a Itália toda; mas, como já disse, só vi, com o distraído olhar de quem ama, todas as maravilhas da arte e todas as belezas desse paraíso dos amantes!

---

[20] De forma intencional; de propósito; de caso pensado.

Visitei, porém, com veneração, a famosa Ischia e comprazi-me em procurar os lugares, onde Graziela cismava no amante ausente[21]!

Aí vivi durante meses o que devia viver durante anos!

Como avidamente aspirei essa brisa, impregnada dos queixumes de infeliz amor e inscientemente contaminei o meu seio com o hálito dessa dor, que mata ou enlouquece – a desilusão!

Depois, fomos à Suíça, onde tive a infausta notícia da morte repentina de meu bom pai! Só não morri, porque amava e tinha as consolações de Raul!

Voltei imediatamente à França e consolei-me ainda com a presença de meu tio, também fulminado pela morte do caro irmão.

Pouco depois, a Sra. d'Aubry, minha tia materna, enviuvava e vinha morar em nossa companhia, como até hoje.

Em Paris, onde nasci, eduquei-me e fui feliz; aí, devia eu também pagar em lágrimas todos os sorrisos, em que minha alegria se expandira!

O meu recente luto e minha mágoa pela morte de meu pai não me permitiam sair, porém eu não devia consentir que Raul participasse da minha voluntária reclusão, e instei com ele para freqüentar a sociedade: o amor é por demais crente e confiante!....

Meses depois, Raul não era o mesmo homem!

Compreendi minha situação e, com o tempo, cheguei à esta conclusão, baseada em atos de sua vida. O Sr. de Lussac me conheceu em uma época, em que o tédio do mundo e a saciedade só

---

[21] Referência a um episódio extraído das Confidences (1849) de Lamartine. Na estória o autor viajando pela Itália sofre um naufrágio e é resgatado por pescadores de coral. Graziela, filha de um deles, é uma bela e inocente jovem, que por ele se apaixona e a ele se entrega. O escritor retorna à França tendo prometido voltar, mas não o faz. Graziela morre de amor.

lhe mostravam um meio de tudo resolver, para os entes da sua espécie – o suicídio!

Colocando—me, porém, o destino, em sua passagem, a minha radiante e fatal formosura, como ele então dizia, tirou-o do abismo em que sua alma se ia perder!

O imprevisto tem grande poder; e ele desejou possuir o ente que, com a sua presença, soubera arrancá-lo do marasmo, em que jazia!

Cercou-me de desvelos e carícias; amou-me com frenesi, ofereceu-me de joelhos todo o arrebatamento e exaltação de sua índole; porém, quando viu que o casamento me colocava, indefinidamente, a seu lado....sentiu-se saciado e atirou-se, de novo, à dissolução e ao jogo!

Oh! padeci muito, mas nunca o improperei, somente a esperança de o ver, a todo momento, voltar a meus braços, não me deixou enlouquecer!

Ocultei a meu tio tantas mágoas; ele morreu, ignorando a miséria da minha existência.

A Sra. d'Aubry, porém, era mulher, compreendeu o meu sofrimento e identificou-se comigo na minha derrelição[22].

Quando me desenganei e vi o que me reservava a sorte, considerei-me viúva e não quis continuar a ver no Sr. de Lussac a imagem do homem, a quem amei, apaixonadamente.

Mas, por isso mesmo, desde então, só, abandonada por meu marido, formosa, como o dizem, cercada de idólatras dessa mesma formosura, moça, desiludida, alma ardente e amorável, resolvi opor ao seu desregramento a mais invicta virtude, e, graças a Deus, tenho-

[22] Estado de abandono, desamparo; solidão.

me conservado pura e digna. E é esta a minha força, o meu orgulho, o meu timbre.

Eis a minha vida; se ainda quiseres duvidar de mim lastimar-te-ei imensamente!....

Clotilde ajoelhou-se ante Madalena, beijou-lhe a mão fria e trêmula, e caiu-lhe nos braços a soluçar e pedir perdão.

Estava a reconciliação concluída.

Madalena, narrando geralmente tudo quanto a torturara, achou conveniente não dizer por menor à Clotilde as lutas dolorosas que se travaram em seu coração e das quais saíra triunfante.

Há na alma certos recantos que só Deus pode ver, porque só Ele é bastante puro e misericordioso para os compreender!

Ela não era santa, era uma mulher virtuosa e as almas grandes e bem formadas são as mais tentadas, porque na conquista delas, há maior triunfo para o mal!

Esse coração ardente, capaz de extremos, sentindo-se opresso e desprezado, passara por todas as dores e por todas as revoltas, que o desespero sugere.

A pobre alma amargurada tivera também o seu Calvário e a sua Via Dolorosa!

Seguindo a senda de abrolhos, que se chama – vida e que tem, de um lado prazeres e do outro as urzes do sofrimento, ela se sentiu deslumbrada pelos sinistros clarões do mal.

Experimentou em mente a volúpia desses gozos passageiros, que borbulham no pélago[23] e quis ver em que terminavam; lá, muito ao longe, avistou o caos!

---

[23] Abismo; abismo oceânico.

Então, dirigiu o angustiado olhar para o lado oposto e viu os espinhos, as dores, e, no fim, lá muito no alto, a mansão da paz!

Suspirou e embrenhou-se pelo meio desse caminho tortuoso e acidentado, marcando a passagem com o suor da sua agonia!

Esse caminho era a sua vida resignada e digna e a mansão da paz – a recompensa de Deus!

XVII

São decorridos quatro anos, depois dos últimos acontecimentos e o tempo passou por Madalena, sem lhe deixar vestígios: é sempre formosa e moça.

Uma boa fada parece resguardar as puras linhas do seu rosto dessa precoce velhice, que os sofrimentos morais produzem.

Madalena vivia para a menina, que tomara sob sua proteção e empregava todo o tempo que lhe deixavam com a pequena Laura.

A fim de distrair a criança ia sempre ao Bosque de Boulogne, à hora do passeio e a todos os jardins públicos.

Não a confiava aos cuidados das aias e tratava-a com dedicação de verdadeira mãe.

Esse emprego constante de seus dias tornava-lhe a existência mais suportável e fazia-lhe esquecer as suas dores.

Clotilde Vernier estimava agora Madalena, como estimamos o ente com quem fomos injustos; é verdade que essa estima se robusteceu também porque Vernier, conhecendo afinal o elevado caráter de Madalena entrou a tratá-la com a acatação a que tinha direito.

Henrique de Rochefort portava-se perfeitamente bem e o empréstimo, que lhe fizera Madalena, já estava quase amortizado.

Leontina vivia feliz, bendizendo o anjo, que lhe salvara o consorte do lodaçal do vício.

Chegou o inverno e com ele todos os divertimentos e prazeres que Paris sabe oferecer.

O Sr. de Lussac recolheu-se, uma noite, à casa, adoentado, febril e mandou chamar o Dr. d'Auriny.

Quando o médico chegou, ele sofria muito e ardia em intensa febre; apanhara um resfriamento e daí lhe veio uma pneumonia dupla, que assustava o doutor.

Madalena velava junto ao marido, dispensando-lhe toda a sorte de cuidados; meiga e caridosa para com todos, como deixar de sê-lo também para esse homem, a quem tanto amara?

D'Auriny pediu uma conferência, porque o doente piorara.

Depois da exposição clara e concisa do seu diagnóstico, o doutor passou a demonstrar os meios que empregara para combater os progressos do mal; teve, porém, a decepção de ouvir os aplausos dos colegas, que lhe reconheciam a superioridade e, coisa rara, veneravam-no em vez e o invejarem e nenhum lhe sugeriu uma ideia nova.

Desanimado, aflito, d'Auriny entregou-se à sua estrela e lutou com a natureza, mas foi vencido.

Raul de Lussac morreu, depois de dez dias de sofrimento, sem ter ocasião de pedir a Madalena perdão por lhe haver amargurado a existência.

A morte do marido, posto que lhe produzisse vivo pesar no adeus extremo do ente à que ligara o seu destino, não lhe deixou no decurso do tempo a doce impressão da saudade constante do bem-amado.

Há muito, ela sofria o incomportável isolamento do coração; só Deus lhe enviara a Sra. d'Aubry e Laura para a acompanharem, distraindo-a.

Morto, Raul lhe merecia piedade e orações; vivo, inspirava-lhe, afinal, a repulsão que os entes abjetos provocam.

Durante um ano, ela se absteve de bailes e teatros; saia somente para distrair Laura e sempre em rigoroso luto pelo homem, de cujo nome usava, honrando-o.

Essa convivência íntima, o consolo e a satisfação que a criança lhe proporcionava, estreitavam ainda mais a afeição, que as unia.

Laura tinha nove anos e dessa díade principiou a sua educação.

Madalena ia derramar nessa inocente cabecinha loira, toda a instrução, que lhe ornava o espírito, elevando-a também, por esse lado, acima das outras mulheres.

Assim começaria a pôr em prática o último desejo de Otavio de Presle, fazendo da filha uma outra Madalena.

Era tão piedoso e puro este intuito, que Deus, sem dúvida, havia de o abençoar.

XVIII

Durante o ano de voluntária reclusão, Madalena pode apreciar a amizade de algumas pessoas que não conhecia, e tal descoberta encheu-a de satisfação.

Sua alma, sedenta de afeto, achava lenitivo na estima de alguns entes e retribuía-lhes, com entusiasmo, o mesmo sentimento.

Ano e meio, depois da sua viuvez, começaou a mostrar-se em público.

Vendo-a livre, bela e rica, o número de seus admiradores aumentou consideravelmente; a moça, entretanto, dava-lhes apoucado apreço.

Suportava o enfado e a monotonia de uns e sentia prazer em conversar com outros.

Ela já se havia submetido, resignada à sorte das mulheres encantadoras, que é aturar muitas vezes, as importunações e as nugacidades[24] dos néscios.

Um dia, apresentaram-lhe o conde Paulo d'Orcey e, desde então, Madalena o encontrava sempre, em toda a parte.

Esse moço não era precisamente belo, tinha, porém, uma dessas melancólicas e suaves fisionomias, que impressionam imediatamente.

Lembrava o tipo de mártir Nazareno e, aos longes desse adorável semblante, juntava peculiar distinção.

Madalena o apreciou no seu devido valor e, ouvindo-lhe a conversação fácil, interessante e, ao mesmo tempo, elevada, sem a mínima sombra desse pedantismo repleto de citações que é o

---

[24] Comentários insignificantes, vãos, frívolos.

apanágio de certos talentos, sentiu estabelecer-se entre ambos uma comunidade de ideias e sensações, que a fazia considerar-se satisfeita, quando o tinha a seu lado.

Essa superior inteligência, essa fluente e precisa linguagem, que tão bem definia a sublimidade de certos sentimentos humanos, a luxuriante seiva desse coração jovem e ardente, que ansiava entregar-se, encantavam a moça.

Paulo d'Orcey preferia sempre a companhia de Madalena à de qualquer outra mulher e, quando se via obrigado a ceder o lugar a alguém, a sua nevada fronte parecia ainda mais empalidecida pela contrariedade, que, então, o pungia.

Meses depois, Madalena, com a percepção de mulher e de mulher de coração, compreendeu que o conde d'Orcey apaixonadamente a amava.

Mas nessa descoberta não houve um minuto de vaidade satisfeita, nem de triunfo: aquela criatura vivia pelo coração, e a vaidade parece mais uma afecção do espírito do que verdadeiro sentimento.

Sobre ser progressiva a frequência de Paulo, notou ela que, ao conversar com qualquer outro homem, ele a contemplava com indefinível expressão, e esse olhar, de infinita idolatria, de angústia e de zelo, sempre a perseguia, impressionando-a.

Isso incomodou-a. E para distrair-se e esquecer o que lhe ia na alma, ela prolongava mais as lições de Laura e sempre a tinha a seu lado, como para se prender aos deveres de mãe dedicada e afeição exclusiva.

Pretextou, muitas vezes, fadiga ou doença afim de fugir às reuniões, onde o conde devia ir; porém, no dia seguinte, Paulo, aflito,

abatido, a ponto de demonstrar dolorosa vigília, vinha vê-la e indagar da sua saúde.

Madalena, natureza franca, inimiga de subterfúgios, e não se subordinado a preconceitos ou a temores vãos, resolveu, então, afrontar o perigo e continuar a aparecer.

Uma noite, em que ela assistia à representação de um drama, onde havia o embate de diversas paixões frementes, em uma dessas produções quase monstruosas, em que o auditório anseia, palpita e sente aturdido o contrapeso dos sentimentos, que vê bem interpretados, o conde, junto a ela, contemplava-a, admirado.

Ao baixar o pano disse:

- Minha senhora! nunca vi uma eloquência muda, como a que lhe divinizava o semblante enquanto durou este ato! V.Exa.. vingou-se, perdoou, sacrificou-se, sofreu e...até morreu! A mobilidade da sua fisionomia foi traduzindo perfeitamente o que se passava em cena, e, sem que olhasse para o palco tudo vi, graças à essa mobilidade, que revela o seu sentir arrebatado e melindroso.... Oh! eu bem calculava que a sua alma devia ser assim , assimilando tudo quanto há de grandioso e sublime e arrasando no fogo do entusiasmo, a mais bela sensação da nossa alma!

Ouvia-o Madalena, trêmula e agitada ainda pelas cenas, que presenciara, e, entre séria e risonha, replicou:

-A minha alma, em matéria de afeto, podia comparar-se, outrora, à uma cratera em erupção, que por um imprevisto fenômeno – o vendaval da desdita (desculpe essa linguagem figurada) fosse apagada, extinguindo-se-lhe completamente as propriedades vulcânicas e tornando-se-lhe a superfície cultivável e até fértil. Essa fertilidade, porém, seria também estranha, como o

fenômeno que a determinara, pois só consistiria em goivos e saudades!

O conde a escutava, enternecido, e, olhando-a longamente, envolveu-a em acariciador olhar e replicou:

-Mas, já que estamos no mundo dos fenômenos, porque (permitindo igualmente a linguagem figurada) não admite também que a brisa da consolação varra esses goivos e saudades e os substitua por jasmins e rosas?!

-Porque, redarguiu ela, docemente, há um limite até para os fenômenos e o limite aqui, consistiria na insuficiência do terreno para fazer brotar rosas e jasmins, visto estar gasto por tantas transformações!

O conde sorriu e Madalena também, mas nos sorrisos de ambos havia lágrimas!....

XIX

Paulo d'Orcey era filho do conde Gustavo d'Orcey, descendente de nobre família, da qual herdara belo nome e excelente fortuna.

Aos vinte e oito anos, o conde Gustavo, seu pai, vira-se órfão e senhor de sua vontade.

Quis conhecer o mundo e freneticamente se lançou aos prazeres, que a sua bela aparência e seus milhões lhe proporcionavam.

Divertiu-se; porém essa vida agitada e erma de afetos o cansou, e profundo tédio invadiu-lhe o espírito.

Quase se envergonhou do seu procedimento, e teve a felicidade de poder fugir, a tempo, do domínio das más paixões.

Resolveu viajar e percorrer diversas capitais da Europa.

Guardou a Itália para o fim da viagem e visitou as suas principais cidades.

Em Milão, conheceu uma moça, toda sentimento, que o prendeu com a magia do seu amortecido olhar.

Aos trinta e três anos, Gustavo desposava Branca Donati, sentindo-se completamente feliz e recompensado pela vida série e tranquila, à que se havia submetido.

Um ano depois, Branca dava à luz um lindo menino, a quem chamou Paulo.

Mais tarde, o conde Paulo acompanhava os pais à França, onde começou a sua educação.

Inteligente, ávido de saber, amante do antigo, - imaginação romanesca, aos dezenove anos, passou-se para a Itália e, aí, instruiu-se e aperfeiçoou-se.

Três anos depois, voltou à Paris; tendo uma aparência mais viril, perdera a curiosidade, que lhe caracterizava o olhar e ganhara suave melancolia, a empanar-lhe um pouco o brilho dos grandes olhos escuros.

Essa transformação fazia a mãe derramar algumas lágrimas: compreendia o que se passava no filho.

Soara a hora do moço pagar o tributo da alma: as dores do homem descoravam a fronte juvenil de Paulo.

Ele era muito sensível e devia sofrer mais que qualquer outro.

Aos vinte e cinco anos, o destino fê-lo encontrar-se com Madalena, e sua alma curvou-se, ante a graciosa majestade e alta distinção da arrebatadora mulher.

Ele soube o que se podia saber da vida da moça, isto é, que fora infeliz e que tinha aquela grandeza de sentimentos, que a elevava acima das demais mulheres.

E procurando ser-lhe apresentado e, ouvindo-a exprimir-se com a gentileza que tinha na linguagem, no trato e nas maneiras, sentiu-se preso e perdido e amou-a como nunca havia amado em sua vida; porque o amor do homem, que compreendesse Madalena, devia distanciar-se desses afetos banais, que pululam no mundo e cuja eternidade dura, quando muito, um ano!

Todo o afeto, que soubera preservar do contágio de ligações depravadas, pelo meio das quais passara, toda a porção da alma pura e leal, onde se aninha a centelha desse amor imenso e

consolador, que alenta os mártires, toda a essência de tal sentimento ele a depôs aos pés de Madalena.

A dúvida e a esperança sucessivamente o torturavam: porque há esperanças tão ridentes e deslumbrantes, seguindo-se a receios tão exulcerantes, que o sentimento delas é, às vezes, doloroso, por se tocarem os extremos e haver dor no gozo da suprema ventura, como também ventura na suprema dor!

Parecia-lhe, algumas vezes, ser apenas um conhecido para Madalena, porém, em outras ocasiões, via-a sorrir-lhe como a ninguém e expandir-se na conversação em doce intimidade, que só a ele reservava, e então, era feliz, o seu céu anilava-se e ele bendizia a mocidade, que lhe agitava o coração.

Confidente desse amor infinito e, frequentando a sociedade, Branca, procurou avistar-se com Madalena, tratou-a e admirou-a, aprovando a escolha do filho.

E este já de todo resolvido a encadear o seu futuro aos impulsos do coração, aguardava somente a oportunidade de uma declaração formal para pedir a mão de Madalena: e sem embargo de indicar à moça o termo, o intuito do que pretendia na sua assiduidade, nas suas conversas, em tudo, enfim, via a oportunidade escapar-lhe sempre, receando um repúdio daquela alma amargurada e misteriosa, e sofria pela dilação indefinida da conjuntura almejada.

XX

Findara o inverno; e tendo passado rápida a frescura da primavera, Madalena se transportou à sua vila, em Auteuil, onde costumava refugiar-se dos ardores do estio.

Ia, porém, triste; sabia o que se passava na alma do conde, e começava a temer o alvoroço, que lhe agitava desordenadamente o coração, à aproximação do moço.

Leontina e Rochefort acompanharam-na como no verão precedente, continuando a viver conchegados a ela. Havia sempre muitos hóspedes e comensais.

Pouco depois de Madalena deixar Paris, Paulo alugou nas cercanias de Auteuil uma alegre vivenda de rapaz, e aí se estabeleceu.

O conde frequentava a casa de Madalena, e, com aquela assiduidade e desvelo do visconde de Presle.

Ás vezes a imagem de Otávio acudia à mente de Madalena, parecendo-lhe que o pobre morto tinha zelos do vivo.

Corria para Laura e procurava ver a expressão da fisionomia da menina: se estava contente ou risonha, Madalena respirava, mas se por qualquer motivo, Laura tinha o olhar triste ou não sorria, ela se mortificava e passava um mau dia.

Algumas vezes, ria-se dessa espécie de superstição, que lhe anuviava o espírito, mas, na primeira ocasião, em que lhe volviam os mesmos pensamentos, longe de os banir, salteava-se do mesmo receio e acabava consultando o rosto da menina.

Era assim, involuntariamente, a criança um instrumentozinho de tortura para a tão adorada amiga: a pasmosa

semelhança dela com o visconde de Presle sugeria à Madalena a ideia romântico-piedosa, de que o pai sofria, ou se alegrava no frio túmulo, segundo a expressão do semblante da filha.

Pueril conjectura e quase incompatível com a superioridade da inteligência da moça; onde porém os espíritos mais fortes que estejam isentos de pequenas manias, manifestações evidentes da imperfeição humana?

Havia dois meses que Madalena se achava em Auteuil; a vida do campo, mais livre e familiar, pondo-lhe sempre ao lado Paulo d'Orcey, deliciava-a e servia-lhe de tortura simultaneamente.

Analisando-se chegara ela à convicção de dedicar a Paulo mais do que simpatia; amava-o.

Experimentava as doçuras e os transportes de uma paixão reservada e suave; depois de tanto haver padecido, era um raio de sol consolador nas tempestuosas brumas da sua existência!

Mas, o dever em breve lhe suprimia essas sensações como sonhos de outras eras, agora importunos, e ela inabalavelmente resolvia abandoná-los para cegamente se lançar à vida de abnegação, cujo plano traçara na mente generosa, e não se aventurar a um novo enlace matrimonial e às decepções que lhe foram tão cruas.

Imagine-se em que luta estava ela empenhada; o belo rosto era o transunto[25] do que lhe ia na alma; um círculo azulado cercava-lhe os lindos olhos, tornando-lhe o olhar mais meigo e triste.

Laura e a amizade de Leontina, da Sra. d'Aubry e de tantas pessoas, que a estimavam, seriam suficientes à sua existência? Duvidava; mas esperava poder viver somente dessas afeições.

[25] Translado; reprodução perfeita.

XXI

Sem trazer a mínima viração e ameaçando tempestade, chegara a tarde depois de um dia abrasador.

O céu plúmbeo era atravessado, de instante a instante, pelo vivo fuzilar dos relâmpagos, seguindo-se o crebro[26] estrondear dos trovões.

Madalena, sombria, com o seio opresso, sentindo necessidade de melhor respirar, dirigiu-se ao parque, sustendo com uma das mãos o longo vestido de seda preta, elegante, a desenhar-lhe os graciosos contornos e com a outra movendo o leque, que lhe enviava leve aragem ao rosto agitando-lhe as rendas que guarneciam o ebúrneo colo.

Caminhava ao acaso, sem destino, pelas extensas alamedas; e já havia uma hora que andava, quando uma lufada desse vento precursor da chuva acarretou pelos ares uma camada de folhas secas e de poeira que quase a cegou.

Tornando à vida real, Madalena aspirou fortemente a viração e sentindo as grossas gotas de chuva que a molhavam, lembrou-se de que ali perto existia uma gruta, onde se podia refugiar.

A gruta era de tamanho regular e um mimo de arte.

Todo o interior, as paredes e o teto eram formados de um calcário, imitando estalactites e estalagmites; no exterior, o musgo e as heras completavam-lhe a transformação dando-lhe a aparência da mais perfeita naturalidade.

Sentou-se a moça em uma pedra e contemplou, com enlevo, esse desmoronamento da natureza que se chama – tempestade.

---

[26] Que ocorre repetidamente; amiúde, frequente.

O seu organismo também sentia, como a natureza, a reação: à opressão que a sufocava, sucedeu um misterioso enternecimento e Madalena chorou.

Casavam-se as suas lágrimas e soluços com o sibilar do vento, com o cair da chuva e com o estridor do trovão perdendo-se ao longe.

Esse pranto abundante, aliviando-lhe o peito e deixando-a respirar livremente, restituiu-lhe a calma.

De repente, ouviu distintamente o ruído de passos acelerados e, sem saber por que, alvoroçou-se lhe o coração.

Ergueu-se rapidamente e aproximou-se da entrada da gruta.

Nesse momento, o conde Paulo, pálido e arquejante, aparece; vendo-a exclamou:

-Madalena?!

E ficou todo confuso por haver assim proferido esse nome, arrancado pela surpresa e pelo afeto.

Ela tentou sorrir, dissimulado também o seu enleio, e, voltando ao interior da gruta, perguntou:

-Sem dúvida, foi colhido pelo mau tempo como eu?

-É verdade! Respondeu o conde, sentando-se sobre uma pedra, junto à moça. Vinha vê-la, mas, antes de entrar em sua casa, deu-me vontade de percorrer o belo parque; fui colhido pela chuva, nas alamedas perto da fonte; deitei a correr e achei esta gruta, onde tive o prazer de a encontrar.

-Está muito molhado e com o semblante tão abatido! observou ela, com vivo interesse.

O conde, sem responder, entrou a contemplá-la enlevado; e seu belo rosto, pálido, emagrecido, desde algum tempo, assumia comovente e grave expressão.

Madalena, cedendo à fascinação do suave e gentil semblante, não podia desprender dele os olhos; parecia-lhe que o seio opresso continha a custo o seu coração, e sentia vertigens e tinha deslumbramentos.

Ajoelhando-se ante ela, o conde tomou-lhe a mão, beijou-a, cobrindo-a de lágrimas e com a voz persuasiva e surda, que soe ter a verdadeira paixão disse:

-Madalena!.... oh! como eu a amo! como a idolatro!

Nunca amei assim!.... Quanta dúvida, quantos receios, quanta esperança tenho tido!.... Sei que muito padeceu, que talvez mesmo lhe seja odioso um protesto mais de amor; porém creia que lhe voto minha mocidade inteira e toda a idolatria, que um peito de homem pode conter! Sou moço, mas tenho vivido muito pelo espírito e sei o que se deve à uma mulher nas suas condições!.... Investiguei minha alma, estudei os meus sentimentos, conversei comigo mesmo nas longas noites de insônia e sinto que a posso amar, que a posso fazer olvidar a amargura do passado! Meu amor é imenso; afirmo-lhe que não se arrependerá de me haver atendido! Duvida?!....leio a dúvida em seus belos olhos. Creia nestas lágrimas do meu coração! Sou muito moço ainda, não sei fingir; juro-o por minha mãe!

E extinguiu-se-lhe a voz em soluços.

Madalena bebera as primeiras palavras do moço, como orvalho consolador de que necessitava a alma sedenta de ventura.

Pouco e pouco fora recuperando a calma precisa; ouvindo-lhe os soluços, ela olhou para o céu e duas lágrimas ardentes

rolaram-lhe pelas faces: desprendeu brandamente a mão umedecida pelas lágrimas de Paulo e levou-a aos lábios.

Beijava, com respeitoso carinho, o pranto sincero, ardente, saído de um coração jovem apaixonado e provocado talvez pelo último palpitar dessa alma idólatra e fortemente abalada.

Depois, contemplou-o meigamente e disse:

-Conde, vou relatar-lhe a minha vida e expor o que sinto.

Narrou toda a sua triste história, sem omitir a mínima circunstância, referindo-lhe até o que se passara com o visconde de Presle e a promessa, que lhe fizera de velar pela pequena Laura.

Enquanto ela falava, Paulo sentia agitar-lhe o peito a admiração, a condolência e o entusiasmo e seu amor tomava, pelo conhecimento mais exato do caráter de Madalena, proporções assustadoras.

Chegando à fase de sua viuvez, ela disse:

-Vendo-me livre, orei e jurando guardar viuvez perpétua, dediquei-me a educação de Laura, que devia, de então em diante, resumir para mim todos os afetos. Deus, porém, colocou-o em minha passagem. Sua doce imagem, Conde, realçada pelas qualidades e sentimentos que o distinguem, gravou-se em minha alma amargurada, perseguindo-me a imaginação e prendendo-a!... Quando dei pelo seu amor, sofri e tanto mais porque compreendi que também lhe tributava profundo afeto! Lutei, chorei muito. Hoje, tendo passado um dia horrível, sai só, a fim de respirar livremente: a atmosfera pesada oprimia-me o peito e fazia-me sofrer. Passeei um pouco, e a chuva fez-me procurar este abrigo, onde nos encontramos e onde acabo de ouvir o que quisera evitar!....Paulo!....desculpe tratá-lo assim. É muito moço e eu tenho trinta anos; caminho para a

velhice, enquanto a sua mocidade desabrocha. Seria pouco generoso sacrificar seu futuro e sua liberdade à idolatria da minha pessoa... Minha face emurchecida pelo tempo e meu olhar embaciado contrastariam com a ternura da alma apaixonada a tributar amor a quem por generosidade, voltaria o rosto para me ocultar o enfado!....Oh! só a essa ideia o sangue se congela em minhas veias!... E, quando sua natural superioridade o elevasse acima dessas vulgares puerilidades, ainda assim, Paulo, seu coração de moço não poderia palpitar eternamente por mim! Não!....é impossível!....O tempo e o hábito tudo matam e eu só teria dores!... Sei que, às primeiras efusões sucedem sentimentos mais plácidos e talvez mais subidos, baseados na mútua estima e em terna dedicação, mas esses sentimentos tinham de lhe chegar, Paulo, mais do que deviam e talvez, então, não se achasse apto para os experimentar!... Não, meu Paulo, prefiro conculcar[27] hoje, meu coração, e padecer ainda muito a ter de desprezar tão adorada lembrança em limitado prazo! Estimo-o profundamente, Paulo: se este sentimento é verdadeiro amor, como creio, como o confesso sem pejo, será o último amor de minha vida, mas ficará assim, preso unicamente pelo afeto de nossas almas e sem nenhum outro laço na sociedade ou em existência comum. É moço e tem muito que amar – viva, pois!...Amá-lo-ei sempre e espero que nos separemos bons amigos, porque o vulgar despeito nunca manchará uma alma como a sua. Procure estimar-me somente. Quando Deus se amercear de nós e nos libertar da vida, nossas almas irmãs, unidas, confundir-se-ão em uma só, e teremos – a eternidade!

E ao proferir as últimas palavras, apontando para o céu, com solenidade, Madalena saiu da gruta.

---

[27] Calcar, esmagar; desdenhar.

Cessara a chuva, acalmara-se o vento; ao respirar a aragem fria e impregnada de umidade, sentia ela as faces escaldadas por ardentes lágrimas.

Eram as últimas ilusões da mocidade, que acabava de sopitar[28], trucidando o coração, com essa espécie de suicídio moral mirrando-o e amortecendo-lhe os lamentos da própria agonia!...

Tal idílio, entre duas criaturas, belas, distintas, tendo por música o desencadeamento da natureza, era estranho e esse final patético dava-lhe um quê de extraordinário cuja lembrança devia eternizar-se naquelas almas amantes.

Paulo, tudo ouvira prostrado, sem alento; nem sequer ousara suplicar à moça que desistisse da sua resolução porque, naquelas poucas horas, ele a havia conhecido bastante para lhe respeitar a vontade inflexível.

A dor imensa, inesperada, que o atribulava, não lhe pode sepultar em trevas a razão, nem fulminar a existência, porque, sem dúvida, a Providência se amerceara dele.

[28] Abafar, fazer adormecer.

XXII

Dias depois, apresentou-se na vila de Auteuil, o conde d'Orcey, com fisionomia serena e a afabilidade que tanto o distinguia.

Mas, o abatimento do seu olhar e a melancolia do seu rosto não escaparam à Madalena, que procurou ocultar a comoção, que isto lhe causava.

A Sra. d'Aubry possuía na Normandia uma rica propriedade, dirigida por um homem de confiança, cuja fidelidade tinha sido muitas vezes posta à prova, e aonde havia alguns anos que não ia.

Madalena querendo robustecer-se na resolução revelada ao conde d'Orcey e subtrair-se à presença deste que lhe era agora penosa, resolveu refugiar-se, por algum tempo, nessa habitação poética e sobretudo afastada de Paris.

Pretextou, para realizar o seu fim, o deterioramento da própria saúde, motivo plenamente justificado pela alteração de sua fisionomia.

Levaria consigo somente Laura e a velha Marta; e exigiu que seus amigos ficassem em Auteuil, até a entrada do inverno, junto à Sra. d'Aubry, que a substituiria, como dona da casa.

Chegara à véspera da partida da Sra. de Lussac; os seus amigos achavam-se reunidos em Auteuil; uns jogavam, outros conversavam e todos se sentiam tristes pela próxima separação da moça.

A noite estava quente; na sala o calor era excessivo.

Madalena saiu furtivamente; encontrando Paulo em sua saleta, disse-lhe com meiguice:

-Não lhe agradaria dar uma volta pelo jardim? O calor está insuportável.

Acedendo ao convite, o conde ofereceu-lhe o braço e conduziu-a à pequena escada, que levava ao parque.

Caminharam, algum tempo, sem trocar palavra: a emoção, que sentiam, era imensa.

Madalena, pálida, trêmula, fitava a miúdo os belos olhos no semblante do moço.

Esplêndido luar iluminava o parque.

Seguiram a sombra das grandes árvores e sentaram-se em um banco de pedra, junto à uma fonte, que lhes enviava a frescura de suas águas.

Paulo foi o primeiro a quebrar o silêncio, balbuciando, com voz extinta:

-Então! parte?!....

-Paulo! disse ela, com esforço – depois daquela tarde tempestuosa, em que nos falamos, tenho sofrido muito e lutado ainda mais! Desejava, ao menos, sempre vê-lo e ouvir o som de sua voz, mas para isso confiei sobremodo em uma serenidade proporcional à resolução, que havia tomado!.... Ah! infelizmente, essa necessária placidez não existe; a perturbação que sua presença me causa é forte ainda e ameaça-me ao ponto de amedrontar-me....Parto, para fugir ao seu império....Espero que não me procurará seguir!....Sofro muito...oh! não o imagina.... mas devo partir.... e partirei!.... Vejo-o, hoje, pela última vez!

Não se descrevem os êxtases, as oscilações entre a esperança e o temor, as dúvidas, a aflição, o desalento e a dor de Paulo; depois de alguns momentos de silêncio interrompido de lágrimas ardentes, tomou entre as suas as mãos de Madalena e exclamou:

-Obedeço. Admiro-lhe a energia; só lamento que eu dela seja vítima. Parta. Mas... Madalena! calcule bem o que vai fazer e a grandeza do sacrifício, a que nos submete a ambos! Talvez a nossa vida seja curta e para que nos votarmos à desesperação? Respeitarei sempre a sua vontade e resigno-me à sua sentença, esperando sofrer por pouco tempo!....Amo-a, com loucura, venero-a, a ponto de me sujeitar, em murmurar, ao martírio a que me vota!.... Se, até hoje, sofreu, não se segue que deva padecer sempre; sua alma cristã devia esperar alguma coisa da bondade divina! Mas os desgostos lhe plantaram a incredulidade no coração e Madalena não quer ter a força de crer e esperar!....Por piedade, diga ainda uma vez que me ama!

-Paulo!.... murmurou ela, com infinda ternura; - ainda duvida do meu sentimento? Pois bem! Confesso-o, mas é pela última vez: amo-te.

Arquejante, ébrio de felicidade, trêmulo, fora de si, o conde ajoelhou-se e, com o rosto banhado de lágrimas, exclamou:

-Madalena! não me dás então, uma esperança, embora longínqua, em tempo indeterminado?!... Fala! responde-me, quando terei a ventura de te ver sempre, de saciar meus olhos na contemplação perene da tua beleza?

A moça ergue-se hirta: o olhar profundo, sombrio, fitou-se um momento em Paulo; e, apontando para o céu articulou:

-Lá!

E com passos rápidos, dirigiu-se para casa.

Ao penetrar no salão, ela vacilou e teria caído, se vinte braços não a tivessem amparado.

Durou algum tempo esse desfalecimento e, quando abriu os olhos, estremeceu, vendo Paulo e notando-lhe a decomposição do rosto.

Procurou sorrir, e disse, com voz fraca:

-Eu bem lhes advertia, meus amigos, que preciso tratar de minha saúde!

À meia noite, ela se recolheu aos aposentos, despedindo-se de todos os amigos e apertando em último lugar a mão de Paulo, brilhando-lhe nos olhos uma lágrima de saudade.

Com o semblante oculto por espesso véu, muda, insensível, Madalena, ao amanhecer, atirou-se dentro do vagão e seguiu para a Normandia; durante a viagem nem Laura lhe pode arrancar uma palavra.

Chegando ao seu destino, sentiu-se tão fraca, que se conservou no leito, durante três dias.

Ao levantar-se, mirou-se ao espelho e doloroso sorriso crispou-lhe os lábios: sua magreza era extrema e fios de prata brilhavam na profusão de seus negros cabelos.

Ao desespero, sucedeu a resignação e ela principiou a sair e a percorrer os domínios de sua tia.

A habitação era antiga, porém ainda sólida, com todos os confortos e até certo luxo.

Algumas pessoas foram visitá-la: Madalena, porém, resolveu isolar-se completamente da sociedade e somente suportar aqueles com quem convivia.

Às vezes, sentindo necessidade de solidão, ela fazia selar um cavalo e partia, sem companhia, em desenfreada corrida, parando somente, quando a vertigem era eminente a lhe turvar a vista.

Apeava-se, então, e, amarrando o cavalo à alguma árvore, deixava-se cair sobre a relva, a fim de repousar um pouco.

O seu passeio favorito, para o qual sempre se dirigia no fim de todas as excursões, era um penhasco que bordava a costa e donde se descortinava o imenso oceano, ora iluminado pelo sol, ora sombrio, já tranqüilo, e já agitado, lançando, com frenesi, suas ondas de encontro às rochas.

Madalena, imóvel sobre o rochedo, contemplava a imensidade e embalava suas dores, recordando-se do passado.

Diante dessa grandeza, que lhe mostrava a munificência do criador, sentia-se pequena e insignificante, e temia que esse Deus onipotente a perdesse de vista e não lhe pesasse a existência sequer como um átomo na balança da eternidade.

Em outras ocasiões, apertava convulsamente Laura ao coração e chorava sobre essa loira e inocente cabecinha.

Beijando a criança, sentia-se de algum modo consolada, lembrando-se de que a morte também não reservara a Otavio de Presle a suprema ventura de a ver e de lhe consagrar a sua regeneração.

Esse homem perdido, sem fé, tinha-se purificado por um amor profundo e resignara-se a viver, sem nunca mais lhe dirigir uma palavra de amor e sem ter as alegrias da felicidade.

Então Madalena sentia-se forte e esperava poder, um dia, contemplar Paulo, com a pura adoração, com que os mártires contemplavam a Cruz, no meio das torturas de sua agonia.

E, com o doloroso e amargo sorriso, a resumir todas as cruciantes angústias de sua alma, ela fitava o céu, só esperando em Deus!

1879

FIM